

POLITIKA

Rio, 25 a 31 de dezembro de 1972

Ano II - Número 62 - Cr\$ 2,00

CEMAP - BIBLIOTECA
CLASS. _____

ASSIM OS AMERICANOS ESPOLIAM O BRASIL

PADRE

○ ABANDONADO DE DEUS



A *Varição do Evangelho de São Lucas*, que hoje publicamos, às vésperas do Natal, é um trecho de terceiro capítulo do romance *O Valete de Espadas*, de Gerardo Mello Mourão, traduzido em diversas línguas, e com sua 2a. edição brasileira esgotada. O escritor alemão Urs Jenny, que declara haver lido esta página com lágrimas nos olhos, considera Gerardo Mello Mourão, por esta passagem sobre o nascimento do Menino Jesus, como o precursor do movimento mundial que colocou a figura do Cristo no contexto dos sentimentos populares em que hoje se situa, com o Cristo dos perseguidos, dos encarcerados, dos trabalhadores, o Cristo banido, o Cristo negro, o Cristo dos marginais, o Cristo Super-Star. (A Editoria)

**Gerardo
Mello Mourão**

COMO NASCEU O MENINO JESUS

Varição do Evangelho de São Lucas

(A MEU AMIGO JOÃO GOMES E EM MEMÓRIA DE SEU IRMÃO DJALMA, ONDE QUER QUE SE ENCONTREM NESTE NATAL.)

Pelo entardecer chegaram à cidade de David, chamada Bethlehem, porque José era da casa e família de David. E por isso subira da Galiléia, da cidade de Nazareth, com sua esposa Maria, que estava grávida, para se alistar no recenseamento de Cirino, em cumprimento ao decreto de César Augusto.

Como era penosa a subida pelas ruas! Os pés dos viajantes doíam, inchados e ralados. E os brancos pés de Maria, como pombos feridos, gemiam nas alpercatas aflitas. A dolorosa mulher caminhava se arrastando. As correntes de sua missão estupenda a prendiam no chão de Bethlehem, e o peso de um Deus ansioso a esmagava.

As estalagens estavam cheias, mas ainda assim se arranjava um lugar. Porque todos eram forasteiros e cheios dessa solidariedade repentina das viagens e dos albergues. Acomodava-se o impossível, e até fariseus ilustres cediam um canto de seus aposentos reservados a saduceus e publicanos retardatários. Dava-se um jeito em tudo, para não deixar ninguém sem abrigo. Para bem cumprir a ordem de César, o povo de Deus se fazia fraterno e cordial naquela fria noite de dezembro. Também — que judeu teria coração para deixar ao relento algum compatriota com aquele tempo de ventos gelados?

Com um suspiro de alívio, o casal de Nazareth bateu à porta da primeira estalagem. Dentro, homens e mulheres se arranjavam, as famílias de Israel, gente de Judá e Samaria, da tribo de Dan e da estirpe de Levi, do ramo de Manassés, do tronco de Zebulon e da herança de Efraim, da cepa de Neftali e da casa de Benjamim — de todas as tribos, comendo a sua ceia e bebendo os cheirosos vinhos do Cedron.

O rosto de Maria era um sorriso e um gemido. A sombra de Deus, que avançava de seu seio, já lhe cobria o rosto e toda ela era aquela sombra do rosto que vinha vindo.

José, saudando o homem que chegou à porta para vê-lo, pediu uma pousada para si e para a mulher. De um grupo de fariseus que ceavam a um canto com as esposas e as filhas, um venerável sacerdote se ergueu e perguntou ao recém-chegado:

— *Quem és tu?*
— *Sou um carpinteiro de Nazareth, senhor.*
— *E essa mulher que te acompanha, tão moça para ser tua, de quem é o filho que vai ter?*

José tornou-se grave, e cheio de sagrado respeito ergueu os olhos e apontou para o céu.

— *Do Deus de Abraão, Isaac e Jacó. . . Nem terminou. De um lado uma gargalhada, de outro uma injúria, de outro ainda um clamor de cólera:*

— *E pretendes fazê-la dormir sob o mesmo teto de nossas filhas e de nossas esposas? . . .*

Bateram a porta, e o carpinteiro pôde ainda ouvir as duas sílabas de uma palavra horrível. Uma dor imensa apunhalou-lhe o coração, uma dor maior que a que sentira ao descobrir a esposa intata com o ventre grávido, numa noite de envenenadas suspeitas. . .

Mas, com santa resignação, consolou a esposa:
— *E que são forasteiros, Maria. Vamos à casa de gente da terra, e algum cômodo nos arranjarão.*

Tentou levar a mulher nos braços, mas não teve forças. Só Ela podia suportar o peso de um Deus. Bateram à porta de uma casa de família e uma honesta senhora os veio ver:

— *Quem és, viajante?*
— *Sou um carpinteiro de Nazareth, senhora.*
— *E de quem é o filho que esta mulher está para dar à luz?*

Novamente levantou os olhos, e apontando para o céu, disse:

— *Daquele que tirou Moisés do Egito e Daniel da boca dos leões. do Deus de Abraão, Isaac. . .*

Nem pôde terminar. A honrada senhora, com um grito de horror, fechou a porta, e da rua ainda os pobres puderam ouvir os brados do pai de família que clamava pelo desrespeito ao lar, seu lar, em que o carpinteiro quisera introduzir uma mulher das que a Lei mandava apedrejar juntamente com seu filho clandestino.

E o casal conseguiu arrastar-se mais uns passos. De uma velha casa de beco tremia no alto uma lâmpada vermelha. Maria arquejou:

— *Não posso mais.*

A lâmpada vermelha tremeu de novo na janela quadrada. Era o emblema dos prostíbulos. José avançou pela porta adentro e houve um alvoroço na sala. Homens e mulheres desceram, e quando viram Maria, dolorosa e vacilante, correram a ampará-la. E de todos os lados gritavam:

— *Vai-nos nascer uma criança! Prepararemos o caminho, prepararemos a casa! Um leito para a mãe!*

A sala estava cheia. Prostitutas seminuas se incorporavam nos leitos de pedra sobre enxergas miseráveis, e um silêncio atônito ocupava o lóbrego bordel.

Soldados, caravaneiros, pescadores, assalariados, bandidos e rufiões se abotoavam e se recompunham, cheios de misterioso respeito e de natural caridade.

Ninguém perguntava nada, a não ser como servir melhor. Não havia preconceito nem orgulho. No meio do salão, sobre túnicas inconsúteis de judeus e mantos de beduínos, sobre capas romanas e peles de camelo de aventureiros gregos, sírios e trácios, sobre vestidos de mulheres e velhos damascos desbotados, num leito improvisado reclinaram a grávida.

Desapareceram os copos, os dados de jogo e os vestígios de pecado. Nos quatro cantos da sala acenderam-se as piras e o incenso defumou o ambiente. Em poucos minutos um vagido ecoou e uma mulher aparou na capa de um decurião romano, bela como uma rosa, a criança recém-nascida.

Outra prostituta, de profundos olhos azuis, da raça de Rahab, a tomou em seus braços e passou aos soldados. E de mão em mão, a criança passou aos aventureiros gregos, aos beduínos, aos publicanos, aos romanos, aos rufiões, aos vagabundos e aos bandidos e a todas as mulheres do bordel.

Havia também um vagabundo grego, que se lembrou, então, de perguntar a José:

— *Como é o nome de teu filho?*

Então o carpinteiro falou:

— *Seu nome é Jesus. Não é meu filho, mas Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim. O que agora nasceu, é o verdadeiro Messias, lírio e rosa, filho de Deus e Deus mesmo.*

Homens e mulheres não ouviram mais. Soldados e prostitutas caíram de joelhos e choravam e davam graças ao Senhor, e ao som das harpas e dos tamboris que ainda há pouco modulavam canções obscenas, cantaram um cântico novo que dizia:

— *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.*

— *E todos acreditavam e todos achavam espantosamente natural o acontecimento. Porque no fundo de seu coração o esperavam com humildade.*

E o velho León, que tinha um extraordinário amigo chamado Cain Marchenoir, comentou:

Mas Jesus nunca se esqueceu das prostitutas. Se entre elas nasceu, foi com elas, com samaritanas e pescadores, com mendigos e leprosos — com vagabundos e vagabundas — a ralé das suburras — que fundou sua Igreja. . .

POLITIKA

3

denúncia

A Editoria

Uma triste história, que tem sua estrutura internacional. Subornos, demissões, roubos, mentiras e incontinências. É a história da ITT no Brasil.

ITT O TRUSTE SEM MÁSCARA

**NOSSOS
COMPUTADORES
JÁ TEM
AS SOLUÇÕES.
SÓ FALTA
VOCÊ CRIAR
OS PROBLEMAS.**

ITT
DATA SERVICES

ESTE É O SLOGAN ADOTADO PELA ITT DATA SERVICES, NO SEU ÚLTIMO FOLHETO, QUE NÃO DIZ APENAS ISSO. VAI MUITO ALÉM, MUITO ALÉM: O QUE É A ITT/DS? É UMA COMPANHIA INTERNACIONAL, DE PRODUÇÃO VARIADA, COM A FINALIDADE DE SERVIR POVOS E NAÇÕES.



Estando entre as dez maiores empresas do mundo, a ITT é a companhia que "serve a povos e nações" e ajuda você a dar um fim "aos seus problemas".

Como a ITT furta o Brasil

O "Baú" foi uma felicidade

Esta frase é realmente excepcional. Nunca um departamento de **marketing** poderia ter sido tão eficiente. Independente do que diz o folheto, a **ITT/DS** estabeleceu-se no Brasil em agosto de 1969 como divisão da **Standard Electric S.A.**

Esta divisão, no entanto, é puramente legal porque na prática ambas têm direção independente no Brasil, não havendo subordinação prática nenhuma. A **ITT/DS** chegou aqui já com contrato com a Companhia Telefônica Brasileira, para nos servir. Esta companhia, contudo, está servindo a ela.

Embora já tenha, atualmente, um computador no Rio, não em suas instalações, mas no prédio da **IBM**, **aguardando** a conclusão de um prédio em Botafogo, desde meados de 1972, ainda suporta e suportará a **ITT/DS** em suas instalações (ocupando mais ou menos mil e duzentos metros quadrados de área construída) até fevereiro de 1973, quando terminará o contrato, que por sua vez foi prorrogado em meados deste ano.

E isso vem desde a época da instalação da **ITT/DS**, ou **ai-ti-ti data service**, conforme a pronúncia dos bens dotados funcionários de **QI** acima de 150 à espera de um reconhecimento que leve às promoções.

São mais de 400 divisões que empregam acima de 320 mil funcionários em todo o mundo. Entre estas companhias estão: Hartford Fire and Life, Avis, Sheraton e Standard Electric.

De quem é a **ITT/DS**? Da **Sheraton** ou da **Standard Electric**? Ou a **ITT** é da **Sheraton** e da **Standard Electric**? Ou de quem é a **ITT**?

E o folheto continua, eficientemente, informativo:

A ITT, em 1971, atingiu um índice de vendas de US\$ 7 bilhões, colocando-se entre as dez maiores do mundo.

A **ITT/DS** constrói, no momento, uma sede para a Região-Rio, em São Cristóvão. Já a filial São Paulo não teve tanta sorte como no Rio. Estabeleceu-se no prédio da **CTB-SP**, na rua 7 de abril, ocupando o 6o. andar. Descuidaram-se, porém, da reforma do contrato, expirado em princípio de maio deste ano, e um mês depois (no dia 1o. de junho), recebeu um terrível e concis-



Sílvio Santos, o camelô

A ITT sempre se safa

so **ultimatum** da **CTB**: **Ou vocês desocupam o andar, ou nós seremos obrigados a fazê-lo, durante a noite.** O comunicado dizia, claramente: saiam do prédio em 48 horas.

Quem apareceu para salvar a **ITT/DS**? Sílvio Santos, o camelô. Precisamente, o **Baú da Felicidade**. A equipe da **ITT** mudou-se rapidamente para a rua Jaceguai, no prédio **cedido** pelo **Baú da Felicidade**. A utilização dos prédios da **CTB**, e agora do Sílvio Santos, é feita pelo Departamento de Operações (máquinas auxiliares, como perfuradoras de cartões, computadores, etc.), que além de exigir maior área, **solicitam** uma excelente rede de ar condicionado, gerador de energia e estabilizador de frequência e tensão. E Sílvio Santos, o animador, forneceu todo este equipamento de apoio.

Sem Sílvio Santos, mas na própria **CTB**, o esquema carioca é eficiente. No Rio, os departamentos de Análise e Programação e Vendas ocupam um andar em um prédio, da avenida Presidente Vargas, 962. Por que a diferença de tratamento entre a **CTB-SP** e a **CTB-GB**, ninguém sabe. E não há diferença. Porque embora tendo sido desalojada da sede da **CTB** em São Paulo, a **ITT/DS** ocupa um edifício inteiro na praça Roosevelt no. 208 (onde, aliás, funcionava o departamento

caça-níqueis — o Educacional — para cursos de perfuração a Cr\$ 500,00, e os péssimos cursos de programação), cujos proprietários nunca foram identificados claramente.

A **ITT/DS** é um **bureau de serviços para processamento de dados de âmbito internacional**, diz o folheto, e não cita o Chile como um dos países ao qual prestou serviço.

No contrato do **Baú da Felicidade** a **ITT/DS** previa o desenvolvimento de vários sistemas. Mas havia neste contrato um erro. Um só: se o **Baú da Felicidade** utilizasse mais de 100 horas mensais, pagaria o valor/hora correspondente a uma fração (20%) da hora normal. Mas a **ITT/DS** não cumpriu esta cláusula e Sílvio Santos reclama. Até hoje. Todavia, como a **ITT/DS** faz tudo para mudar o contrato ou provar ao cliente que este é responsável pelo atraso no serviço, Sílvio Santos está sendo atacado por técnico de **QIs** assustadores pela culpa de exigir seus direitos.

ITT Data Services América do Norte, fundada em 1960. Sua matriz é em Paramus, Nova Jersey, com outros centros regionais em todos os E.U.A.

A maneira como a **ITT/DS** sempre consegue sede para seus departamentos de operações é simples: basta a **Sesa (Standard Electric S.A.)** vender uma estação e com isso ter acesso à diretoria da telefônica compradora, para que a **ITT/DS** apresente-se como **especialista em sistema de processamentos de dados para as companhias telefônicas em geral.** Em geral, dizem seus vende-

dores. A **ITT/DS** não faz distinções, apenas isso. Na verdade, a **ITT/DS** confunde as diretorias sobre o que é técnica de equipamentos com administração, pura e simples, que é o que se propõe quando fala em **processamento de dados**. Nessa base, a **ITT/DS** consegue, a um preço mínimo, ótimas instalações — no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Sem falar da Bahia, Paraná e quem sabe quantos Estados virão.

A **ITT Data/Services Europa**, inaugurada em 1965, opera no momento na Inglaterra e Alemanha. A **ITT Data Services América Latina** teve seu início em 1969, com a inauguração da primeira filial no Rio. É a única companhia internacional **ITT** com sede no Brasil. Opera em Buenos Aires, Lima, México e Porto Rico, além do Rio e São Paulo.

Na Bahia a **ITT/DS** ainda não conseguiu instalar um computador pois a telefônica de lá, a **Tebasa**, ainda não cedeu; mas a **ITT/DS** acaba de instalar um escritório em Salvador com um certo **senhor Alípio**, como gerente regional.

É realmente fantástico o crescimento da **ITT/DS** brasileira. Aqui chegou em 1969, já tem dois escritórios instalados e está montando mais um, na Bahia. Com técnicos de **QIs** altamente qualificados, e com computadores, ela consegue o que pretende. E só. O que pretende, eis a questão. Antes da chegada do **senhor Alípio**, em Salvador já estava residindo desde agosto do ano passado o americano Mark Grandt, como consultor da **Saer** (Superintendência de Águas e Esgotos do Recôncavo), onde foi instrutor de diversos cursos de processamento de dados. Este escritório, há muito tempo estava para ser instalado, mas a conjuntura ainda não havia permitido. Agora parece que as chances de entrada no mercado são melhores. A **Tebasa** organizou uma concorrência para a instalação de 40 mil aparelhos telefônicos e quem ganhou foi uma empresa **espanhola**, a **Citesa**, que é apenas a **ITT** em Madrid.

A **ITT/DS Brasil**, que apesar de ter só três anos, é o terceiro **bureau de serviços no Brasil**. Tem sua matriz no Rio (assim como a **ITT Data Services América Latina**). Emprega mais de 500 profissionais em computação, trabalhando no Rio (Região Central), São Paulo (Região Sul), e, brevemente, também na região Norte, com filial em Salvador. Além das filiais Porto Alegre e Brasília.



Como a ITT furta o Brasil

Os gerentes são brasileiros. Isto é capaz de satisfazer à vaidade de meia dúzia. Porém, em verdade, quase ninguém é efetivamente um "brasileiro".

POLITIKA

5

denúncia

Nada é capaz de deter a ITT, porque ela se utiliza da proteção daqueles a quem serve, a peso de dólar.

Ainda bem que o folheto fala da América Latina.

No Peru, no ano passado, uma empresa do grupo **ITT/DS** vendeu uma central telefônica em Lima e logo após dois técnicos estrangeiros da **ITT/DS** — América Latina (sede na presidente Vargas 962/5o. andar), senhores Pietro e Juan Garcia (o primeiro, porto-riquenho e o segundo cubano naturalizado americano) foram enviados para Lima, onde estão instalando um escritório.

Todos os seus gerentes são brasileiros. Fato que nos orgulha muito. São eles: Mário Moraes (Gerente-Geral Brasil), Marcos Allan (Regional Rio), Paulo Bacellar (Regional São Paulo) e Alípio Mattos (Regional Salvador). Incluem-se também entre eles gerentes técnicos, gerentes de análises e programação de operações, todos brasileiros.

Nestes contratos da **ITT/DS**, quem, obviamente sai perdendo são as telefônicas que sob a alegação de que terão o apoio em processamento de dados, acabam cedendo as instalações bem como asseguram para a **ITT/DS** um cliente de sublocação dos equipamentos que ela própria mantém alugados da IBM, de quem é o maior cliente particular fora dos EUA (no Natal de 1969, a ITT publicou um anúncio homenageando a IBM: **Fora dos Estados Unidos, somos vosso maior cliente**).

Apesar do Sílvio Santos, da **Tebasa** e da CTB carioca, a **ITT/DS** e seus dinâmicos QIs ambulantes não deixam de tentar novos negócios. Ela tentou na **Colteb** (Brasília), mas perdeu a concorrência, disparadamente, em preço, principalmente, para a sua **companheira de chapa**, a IBM. Afinal, onde vai a **ITT/DS** vai a IBM. Nunca andar só, é o lema das duas. Uma vende **serviços** com o equipamento da outra. A IBM tem uma **fábrica** no Brasil, em Campinas, onde monta ultrapassados e, desprezados pela **ITT/DS**, **computadores made in Brazil**. Em Recife andaram tentando vender **serviços** mas acabaram tendo recusado os **serviços**, pois eram **demasiadamente caros**. Apesar disso tudo, a **ITT/DS** **ganhou**, ou está em vias de, uma concorrência



Vasco Leitão da Cunha

feita pela **Telepar**, do Paraná, com Parigot mesmo, e longe, bem longe do Leon Peres. Nos seus planos de expansão estão Porto Alegre e Brasília.

Para preencher as demandas da rápida expansão do mercado de computadores no Brasil, temos feito reais investimentos para importação de know-how dos EUA e Europa.

O folheto fala exatamente de **know-how**.

A grande fonte de renda da **ITT/DS**, no entanto, não é, como se poderia pensar, os serviços. É o **block-time**, ou seja, a sublocação de máquinas a preços bastantes altos. Somente o Serpro, do Ministério da Fazenda, no verão passado, chegou a propiciar um faturamento de Cr\$ 400 mil em um mês, com sublocação de equipamentos, o **block-time**. Nesta época, a **ITT/DS** alugava por Cr\$ 300 mil. Este faturamento significava a sublocação diária de umas 10 a 12 horas em cada equipamento (um IBM/360 mod.50 e o IBM/360 mod.30) não trabalhando nos fins de semana. Nos meses contíguos, o faturamento foi um pouco menor, mas não muito. Correu, nos corredores do Ministério da Fazenda, e em alguns restaurantes do Rio, que o **RT** (representante técnico ou mais precisamente, o vendedor) da **ITT/DS** soltava uma

parte de sua comissão de 2% para que alguém do **Scheduller** do Serpro usasse as máquinas da **ITT**.

O fato concreto, porém, é que no início do ano o Serpro instalou mais um computador no Rio e só depois de um mês que houve um inquérito interno em que o encarregado do **Scheduller** foi despedido, é que o Serpro reduziu sua utilização de equipamentos na **ITT/DS**. Atualmente, o Serpro paga menos de Cr\$ 50 mil por mês à **ITT/DS**.

O Serfau (Serviço Federal de Habitação e Urbanismo) utiliza uma média de 50 horas mensais, pagando aproximadamente Cr\$ 50 mil. E a Eletrosul utiliza o **block-time** e seu contrato é de valor fixo para um limite de utilização com um valor de mais ou menos Cr\$ 70 mil, o que cobre o aluguel que a **ITT** paga à IBM, do computador que usa, mas, tendo o direito de utilizar 100 horas mensais (o mês tem 720 horas). Este contrato foi ganho em concorrência pública, pois a **ITT/DS**, das empresas que poderiam oferecer apoio técnico no uso de computadores, foi a que apresentou menor preço (o outro concorrente era a IBM e ainda tentou entrar a Datamec, sendo bloqueada).

O **block-time** chegou a representar 90% do faturamento da **ITT/DS**, mas hoje, com uma maior concor-

rência no setor de **block-time**, não chega a 65%.

Recentemente asseguramos os direitos de distribuição através da América Latina dos produtos desenvolvidos pela Applied Data Research de Princeton, Nova Jersey, que é considerada líder em software e aplicações em desenvolvimento nos EUA. Entre seus produtos conhecidos estão: Auto-flow, Meta-Cobol e Librarian, que serão distribuídos com exclusividade. E nossa rede mundial de intercâmbio de informações com outras Cias. da ITT nos dão os recursos para ficarmos muito além de qualquer competidor, no desenvolvimento de pesquisas de novos produtos dentro da mais recente tecnologia. No Brasil ou em qualquer parte do mundo.

O software é outro produto que a **ITT/DS** tenta vender no Brasil. Ou seja: programas genéricos desenvolvidos em Nova Jersey para a utilização de máquina e programação. O primeiro deles foi o **quickckdraw**. Este programa era para desenharmos o fluxograma de programas. Depois, em setembro de 1971, veio o **Miracl**. Este programa destina-se a reduzir o tempo de codificação de um programa escrito em **Cobol** (linguagem comercial de programação).



No Brasil, a ITT bate todos os recordes. Desde o uso dos seus computadores até os das incontinências, subornos e a pressão sobre alguns órgãos.

Como a ITT furta o Brasil



Marcelo Leite Barbosa

Em tempo de recordes brasileiros

Atualmente a ITT/DS representa no Brasil os produtos ADR (Applied Data Researcher) que são o **Autoflow** — similar ao **Quick-Draw** e o **Metacobol** — similar ao **Miracl**, e mais dois programas. Somente em outubro deste ano é que começou a se interessar (a ITT/DS) pela venda destes produtos e para isto colocou no departamento de vendas alguns programadores.

Agora a ITT/DS está tentando representar na América Latina a CDC — **Control Data Corporation**. A CDC já há uns dois anos tenta aproveitar o bom mercado comprador de computador brasileiro, que segundo o gerente geral no Brasil, é o **melhor fora dos Estados Unidos e Europa**.

Em fins de setembro, o gerente geral para a América Latina, Herb Kolbert, esteve nos EUA e agora o gerente geral do Brasil, Mário Moraes, também esteve lá. No novo prédio da ITT/DS em São Cristóvão, onde deverão ser gastos Cr\$ 1 milhão, deverá, ao que tudo indica, ser o centro de vendas da CDC.

A ITT/DS no momento também está tentando, no Rio de Janeiro, ampliar seu quadro técnico sem ter

aparentemente novos grandes serviços na área de processamento. Para maiores informações sobre quem é a CDC e firmas de **Software** seria bom uma consulta ao número de agosto de **Conjuntura Econômica**, volume 26 — no. 8.

Temos muito orgulho do nosso recorde de realizações em tão pouco tempo no Brasil. O que nos faz prever muitos anos de prosperidade dentro da comunidade brasileira.

Os serviços de **bureaux** que a ITT/DS atualmente presta deverão ser mantidos apenas (como sempre foram) para sustentar a imagem e atestados para concorrências públicas de sistemas, aonde este é freqüentemente um item exigido. Este cliente pertenceu a um mercado de automação muito simples, que é o de controle de contas bancárias, títulos, carnês, onde são mínimos os conhecimentos necessários.

Temos muito orgulho do nosso recorde de realizações em tão pouco tempo no Brasil está escrito no folheto azul e branco da ITT/DS.

Trabalhou na ITT/DS — Rio o senhor Gherard Franzel, alemão, radicado no Brasil há mais de cinco anos, ex-funcionário da T. Janér, que representava alguns produtos da ITT — Suécia, hoje fora de produção. Com uma bem sucedida assinatura de contrato com a Marcelo Leite Barbosa, foi nomeado Gerente de **Marketing**. Graças a este contrato, Franzel começou faturando em cima da ITT onde conseguiu

É preciso você criar os problemas

que fosse colocado no contrato um computador **Honeywell Bull**, o GE 120, ganhando a sua **comissão**.

Com o desenvolvimento do projeto, verificou-se que este computador não atendia às necessidades de Marcelo Leite Barbosa, tendo a ITT então comprado (comprar aqui tem o sentido exato de alugar) um computador da IBM. Algum tempo depois, descobriram que o senhor Franzel havia aproveitado a ocasião do levantamento de dados feitos por ele na Marcelo Leite Barbosa para guardar consigo alguns impressos que depois preencheu e negociou (era a fase do **boom** da bolsa). Franzel demitiu-se para não ser despedido e a direção da ITT/DS no Brasil encobriu o fato junto a MLB. Atualmente, Franzel é o gerente no Rio da **GTE**, representando um equipamento para suporte ao computador fabricado pela **MDS — Mohawk Data Sciences Co.**, de Nova Iorque — que é o sistema 2.400. Este equipamento é muito bom e rápido para a transmissão de dados (teletransmissão). Logo que entrou para a GTE, Franzel vendeu 11 destes aparelhos para a Embratel, onde venceu uma concorrência pública.

Franzel, **às vezes**, age de má fé, em nome da sagrada comissão de vendas. Lá na CTB, Rio de Janeiro, ao ler o edital antes de sua publicação, convidando os fornecedores para um concorrência, Franzel descobriu que a característica do equipamento solicitado pela CTB permitia a concorrência de vários fornecedores. Então, ocorreu-lhe graças ao elevadíssimo QI, fazer uma sabotagem, antes da publicação. Ou melhor: ele decidiu modificar as exigências técnicas feitas pela CTB no edital. E fez. Pediu e foi solicitado pela secretária que dobrasse a velocidade mínima de transmissão exigida. Ao ser conferido o edital, entretanto, os responsáveis pela concorrência descobriram a tentativa de fraude. E a **Olivetti** acabou vencendo a concorrência; o senhor Franzel foi xingado, na medida do possível.

Nossos computadores já têm as soluções — Só falta você criar os problemas. É o slogan.

Em dezembro do ano passado, a ITT/DS Rio de Janeiro venceu uma

concorrência de Cr\$ 480 mil no Ministério do Exército. Deveria ter terminado seus serviços em junho deste ano, mais até agora não concluiu o trabalho de implantação do serviço.

Em fevereiro de 1972, a ITT/DS venceu uma concorrência da Eletrobrás. Deveria estar pronta, a implantação do serviço, em agosto passado. Mas nada foi feito.

Todos os seus gerentes são brasileiros. Fato que nos orgulha muito.

Todos são, realmente, brasileiros.

O hábito de atrasar da ITT/DS é motivado pela política de economias que a empresa faz com a demissão periódica de grande número de funcionários, simultaneamente. É que ela sempre fatura ou tudo, ou uma parcela do valor do contrato na assinatura. Tentando sempre trabalhar com um mínimo de funcionários, a ITT/DS tenta ter o menor custo direto.

Um interessante contrato foi feito com a Patrick Delaney. O sistema arquiva as concessões para a pesquisa de minérios e dois meses antes de expirar o prazo da concessão a ITT/DS tem a boa vontade de relacionar empresa por empresa, com concessões no campo de mineração brasileiro. Apenas para manter seu arquivo em dia. Estas informações são negociadas convenientemente, na época e lugares certos.

Aliás, a ITT só espera que os problemas sejam criados.

Seus computadores já têm as soluções.

Nossos computadores já têm a solução...

Nas últimas eleições, a ITT assinou um contrato com o Tribunal Eleitoral de São Paulo, para um serviço o qual nunca foi exatamente esclarecido. No dia 16, um após a eleição, o **Jornal da Tarde** de Ruy Mesquita publicou, na quinta página, uma pequena e interessante notícia: **Estranhamente, o Tribunal Eleitoral encarregou a ITT de somar os votos das eleições do Estado, que foram separados, um por um, por mesários e secretários. Agora, não se sabe o que fazer com as máquinas de somar do Tribunal.**

Só falta você criar os problemas.

Este é um tipo de problema criado. Pela própria ITT/DS. Não é, doutor Vasco Leitão da Cunha, ilustre testa-de-ferro da ITT/DS no Brasil?

Hélio
Duque

O café, mesmo dentro do atual estágio econômico brasileiro, é fundamental à nossa balança comercial. A questão é que já não mais somos exportadores.

CAFÉ

O COLAPSO VEM AÍ



23 de novembro de 1972. Esta data ficará registrada na história econômica brasileira como o dia em que, pela primeira vez, o Brasil importava café. Pelo porto de Santos, 20 mil sacas do produto, compradas em El Salvador, davam início a um processo de importação cafeeira, que terá seu desdobramento natural na importação do café *robusta* africana.

Maior produtor do mundo de café, a economia brasileira tem na atividade cafeeira a sua mola propulsora, já que é o primeiro produto na pauta de exportação nacional, há várias décadas.

Em relação ao ano de 1972, o café será responsável por cerca US\$1 bilhão, num comércio exterior global que arrecadará por volta de US\$ 3,6 bilhões. Ele representa, em realidade, dentro do processo econômico, no que se refere a entradas de divisas, um pouco mais de 25 por cento. É, portanto, o produto básico da nossa vida econômica.

Por mais que se fale em exportações de manufaturados (e somos, particularmente, favoráveis e estimuladores dessa perspectiva), em exportações de minérios, em exportações de uma infinidade de produtos, quando se refere à economia nacional, temos que ser menos sonhadores e mais pragmáticos. O café é a base da economia brasileira. Portanto a ele deve

ser dispensado um tratamento não de privilégios mas de simples reconhecimento pelo muito que deu e vem dando pelo desenvolvimento nacional. Igualdade no tratamento, principalmente no que se refere ao mecanismos oficiais de tributação. Não é lógico que se conceda privilégios a muitos exportadores e tributem com vigor excessivo a cafeicultura brasileira.

Além dos fatores climáticos, como as geadas de 66 e 69, do próprio fantasma (já real), da ferrugem e dos erros de uma política de erradicação predatória, existem outros elementos desestimulantes, que fizeram com que o Brasil chegasse a condição esdrúxula de *importador de café*.

Por exemplo, a recente Resolução 566/72 não trouxe em momento algum vantagens para o cafeicultor ou mesmo para o exportador de café. Antes dessa Resolução, o confisco cambial era de 23 dólares por saca de café. Com seu advento, o confisco passou a ser de 27,5 dólares, ou seja, cresceu em mais 4,5 dólares por saca.

Só para efeito de argumentação, desenvolveríamos esse raciocínio, provando que o governo confisca 27,5 dólares por saca de café, ou seja, Cr\$ 165,00, devendo-se somar a esse valor mais Cr\$ 37,80 oriundos do ICM e Cr\$

1,40 proveniente do FUNRURAL, num total de Cr\$ 204,28. Enquanto isso, o lavrador que cuidou do café durante anos, sujeito a geadas, correndo um enorme volume de riscos, entrega um saco de 60 quilos de café em coco por pouco mais de Cr\$ 70,00.

Exemplos, como o aqui utilizado, provam que essa Resolução 566/72 funciona como elemento desestimulador para a atividade cafeeira.

Fatos isolados como esses servem para demonstrar que a brutal queda que se vem verificando na produtividade cafeeira nacional não se deve unicamente aos fatores climáticos e à ameaça da ferrugem. Infelizmente, na justificativa da já em execução, importação de café, somente esses dois argumentos são levantados e desenvolvidos com um volume enorme de esclarecimentos. A péssima remuneração do lavrador de café, em momento algum, constou como elemento, também responsável pela diminuição do parque cafeeiro nacional. *E a política de erradicação cafeeira, posta em prática durante o consulado Roberto Campos?* Será que essa política econômica não foi responsável pela redução dos cafeeiros brasileiros?





Dos 3,7 bilhões de pés, hoje restam 2,1 bilhões. Em apenas dez anos, a erradicação bateu 43% de nossos cafezais. Isso, incrível, surpreende ao IBC.

**Café,
o colapso
vem aí**

Uma erradicação predatória e a falta de planejamento coerente levaram os produtores a esquecer o café

Em 1961, tínhamos 3,7 bilhões de cafeeiros. A partir de 1964, com os planos de erradicação baixamos para 3 bilhões e agora é o próprio presidente do Instituto Brasileiro do Café quem afirma: **O último censo cafeeiro realizado pelo IBC, nos apresenta um número surpreendente de 2,1 bilhões de cafeeiros. Em quase 10 anos houve uma redução de 43% do parque cafeeiro nacional. Talvez seja esse o número mais surpreendente em toda a história da agricultura brasileira.**

Sobre a política de erradicação cafeeira, um dos estudos mais completos foi o desenvolvido pelo senador Carvalho Pinto e pelo então deputado federal paranaense José Richa, que afirmaram em certo trecho:

O Brasil procedeu a um vertiginoso programa de erradicação e diversificação, destruindo-se, segundo dados do IBC, 1.379.343 mil cafeeiros. Foram dispendidos nesse programa Cr\$ 286,1 milhões do Fundo de Diversificação do Café. Os concorrentes nada arrancaram e ainda plantaram mais. A erradicação de cafeeiros provocou dispensa em massa dos trabalhadores rurais, marginalizando-os nas favelas urbanas, onde se estagnaram sem nenhuma perspectiva de habilitação para outros misteres profissionais. Os empresários agrícolas, descapitalizados, empobrecidos e tangidos pelas dificuldades de dinheiro e de mão-de-obra, reduziram suas atividades, entregando-se a tratos agrícolas limitados, o que afeta, também, o abastecimento interno.

Em 1966, o Brasil atingia o volume sem precedentes de 67 milhões de sacas de café estocadas sob a responsabilidade do Governo. Contudo, a existência de diversos fatores, como, por exemplo, uma política de preço que não estimulava novos plantios, foi diminuindo o parque produtivo nacional. Tanto isso é verdade que em dezembro de 1971 apenas 15 milhões e 400 mil sacas estavam estocadas, estando atualmente, por força de compras feitas pelo IBC, em torno de 18 milhões de sacas.

Em realidade, este volume significa muito pouco, já que está abaixo de um estoque normal de segurança, quando é sabido que temos uma demanda anual em torno de 27 milhões. Isto quer dizer que ante qualquer acidente ou mesmo a evolução de uma nova praga que incida sobre o café estaremos sem condições de atender aos compromissos internos e externos. E a perspectiva interna não pode ser deixado de lado. A experiência dos últimos 10 anos, mesmo com aumento de 100 vezes no preço do produto, mostra que o consumo aumentou em 3 vezes e meia. Ou, usando dados mais precisos: em 1959, o IBC vendeu diretamente às torrefações 2 milhões e 800 mil sacas de café; em 1970, último ano da presença da autarquia cafeeira no mercado interno, foram consumidas 8 milhões e 900 mil sacas de café. Na atualidade, na pior das hipóteses, o consumo interno oscila entre 8,5 e 9 milhões de sacas.

Na frente externa, o Brasil mantém a cota variável entre 18,5 e 19 milhões de sacas. Daí, já antevendo uma perspectiva próxima, podemos dizer mesmo que dentro de poucos anos, o Brasil, entre exportação e consumo interno, terá que satisfazer a cota de 32 milhões de sacas de café.

Torna-se necessário, portanto, que se estimule uma produção que sirva de suporte para atendimento dessa demanda. E a redução de 43% na cafeicultura nacional, numa faixa de 10 anos, é um dado inquietante.

E mais do que isso: o atual parque produtivo tem cerca 60% dos pés com idade variável entre 8 e 32 anos, que é um período que não pode ser considerado como o mais fértil do café. Entre 1966 e 1972, jamais a produtividade média do cafeeiro brasileiro superou 12 sacas beneficiadas por mil pés. A importância desse número é evidente, pois destrói, desmorona, qualquer possibilidade de que a produção possa, em algum momento, voltar a

ser de 30 ou 40 milhões de pés. Não existe mais essa possibilidade.

Não há condições, seja pela diminuição do número de pés plantados seja pela manutenção do baixo nível de produtividade do cafeeiro brasileiro. Isto quer dizer, demonstrativamente, que o atual parque cafeeiro tem uma potencialidade abaixo de 20 milhões por ano. O que é um risco, até mesmo, à segurança nacional, quando se pode facilmente constatar a população envolvida nessa produção e os recursos que o café gera para o país, assim como à disponibilidade de divisas e toda a formulação de renda nacional e circulação de riquezas na região produtora. Há poucos anos, não poderíamos imaginar que fôssemos ter um parque produtivo tão frágil e tão despreparado para o futuro. É bom salientar que isso não é previsão, nem tampouco projeção. É o retrato frio de uma realidade.

A única saída para o problema é o replantio agressivo. Contudo, é o próprio presidente do IBC que informa que os programas de replantio de novos cafeeiros, numa das campanhas, atingiu a 50 por cento dos resultados previstos e, noutra, apenas 25 por cento.

Mesmo com os incentivos concedidos em larga escala, no primeiro

plano de replantio, foram oferecidos 80 milhões de pés para serem financiados. A resposta não chegou a 40, ou seja, a metade do plano foi utilizado. Em setembro de 1971, o governo autorizou um plano para 300 milhões de pés de café e apenas 112 milhões são plantados. E no ano de 1971/72 dos 300 milhões oferecidos não chegou sequer a 90 milhões. Com a introdução dos fertilizantes nos programas, a conta café autorizou 240 milhões de cruzeiros para fertilizantes e apenas 43 milhões são recebidos. Portanto de uma estimativa de 800 milhões de pés de café a serem adubados, 178 são atingidos. E no plantio total de 600 milhões de pés, apenas 240. O que quer dizer que os recursos globais postos à disposição do setor cafeeiro, sob forma de incentivos indiretos, atingiram nos três anos, 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros.

Deste total de recursos, o setor cafeeiro absorveu apenas 580 milhões, o que quer dizer que o plano falhou em alguma parte. E exatamente a falha fora essa: não havia, por parte do produtor, maior interesse pelo programa. Acresça-se a isso o drama da ferrugem já que não dispomos de uma técnica suficientemente eficaz para o combate imediato dessa e de outras pragas.

São fatores que, somados a tantos outros, vieram a criar essa situação da cafeicultura brasileira, forçando a que no próximo ano as importações de café **robusta**, especialmente destinados a industrialização, se façam com grandes volumes. Em 1974, precisaremos de 10 milhões de sacos de café para o mercado interno, além de uma cota internacional de 18,5 a 19 milhões de sacas de café.

De onde tirar o produto para cobrir esse montante?



**Sebastião
Nery**

Em Curitiba, as placas de obras públicas não tem nome de ninguém. O prefeito é contra o culto da personalidade: - "A vaidade custa sempre muito caro"



Arte nas calçadas.



Balé nos parques

JAIME LERNER

PROFESSOR DE CIDADE

Do aeroporto vestido de bruma à cidade plantada no planalto verde, as placas da prefeitura, ao longo da estrada, são uma exceção no delírio da vaidade administrativa do País. Não se vê o nome do governador e muito menos o do prefeito. Nem mesmo o nome da prefeitura. Apenas, em letras discretas, sob a indicação da obra, o logotipo — CIDADE DE CURITIBA.

Entro no gabinete do prefeito com a piada levada do Rio:

— As placas do Paraná não têm mais nome porque os governadores mudam muito por aqui?

Atrás da mesa larga coberta de papéis, terno escuro, camisa preta, gravata cinza e azul, um jovem de 35 anos sorri da brincadeira:

— Nada disso. O governador de fato mudou, mas eu continuei. O que há é que, em administração, o culto da personalidade é um erro que custa muito caro. As coisas ficam destorcidas quando os gover-



Jaime Lerner

nantes pensam mais em si do que na comunidade. A obra pública não é do prefeito nem da prefeitura da cidade. As placas são feitas em nome da cidade. Aqui se governa em nome da "Cidade de Curitiba".

Jaime Lerner tinha sido eleito o melhor prefeito do ano por um grupo de jornalistas políticos do Rio e Brasília. Eu estava ali para uma conversa com ele. Como conseguira, em dois anos, criar a imagem de

um prefeito que renovara inteiramente os conceitos e métodos da administração municipal, a ponto de autoridades do governo federal considerarem que Curitiba é, hoje, uma *cidade-modelo* pelos critérios criativos com que estão sendo enfrentados seus problemas? Jaime Lerner conversa despreocupadamente, entre os telefonemas que chamam de São Paulo, Rio, Paris, ou as ordens curtas e diretas aos auxiliares que chegam e saem sem demorar além de poucos minutos. Durante algumas horas ele me disse o que é Curitiba e o que está fazendo para salvá-la da loucura das grandes metrópoles. Saímos, rodamos a cidade, almoçamos, e ele não se cansava de dar números e exemplos concretos para mostrar que o sucesso de seu trabalho nascia de duas posições absolutamente conscientes:

a) quem vive na cidade é mais importante do que a cidade;

b) a cidade só se humaniza criando pontos de encontro.



São Paulo tem dinheiro, o Rio tem espaço, Porto Alegre tem força política, Belo Horizonte tem crédito, Curitiba precisa criar com a sua imaginação

Jaime Lerner
professor
de cidade

É preciso inventar uma pilula anti-concepcional para os automóveis

Não tomei, não tomo notas. Mas, do que longamente conversamos, o que ficou de mais vivo em minha preocupação de repórter foram essas palavras que valem pela evidência de que o prefeito de Curitiba é, primeiro, um homem excepcionalmente inteligente e, depois, alguém que administra como quem planta pedras para o edifício do futuro. Tudo nele é consciência de que o amanhã será mais exigente do que hoje e, para criar um amanhã mais feliz para o homem, é urgente equipar e humanizar as cidades onde, cada dia mais, ele viverá:

1. — "Em 1964, o prefeito Ivo Arzua abriu uma concorrência para planejamento da cidade. Como professor do Planejamento da Escola de Arquitetura da Universidade do Paraná e presidente do Instituto dos Arquitetos, participei com um grupo. O grupo se estruturou depois no IPPUC (Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba). Fizemos todo um planejamento da cidade. Fui fundador, diretor e, em 1968 e 1969, presidente do IPPUC.

2. — Em 1970, o Escritório de Planejamento do governador eleito Haroldo Leon Perez pediu ao IPPUC um diagnóstico sobre a cidade. Da discussão do diagnóstico veio convite para eu ser o prefeito. Agora, o que era planejamento se fez execução. O planejamento de hoje não é mais um documento. É um processo. Ninguém mais discute o que é importante para a cidade. Quem planejou, executa. O secretário de Obras era engenheiro do IPPUC.

3. — Curitiba é o único grande centro urbano do País ainda não comprometido. Por isso estamos fazendo dela um modelo de urbanismo, um verdadeiro laboratório administrativo, para testar e aplicar soluções. Nesse sentido, o que Curitiba faz pelo resto do País é de muito valor e muitas autoridades do governo federal já sentiram isso e estão nos ajudando. Não queremos ser um novo São Paulo. Queremos ser uma grande cidade sem os problemas da cidade grande.

4. — Na verdade, nós sabemos exatamente o que queremos e o que vamos fazer. Nosso esforço é para

conseguir os recursos de que precisamos e ganhar a confiança da cidade para a obra de sua humanização, que exige medidas de renovação rápidas e às vezes meio assustadoras. Por exemplo: temos 23 mil automóveis novos por ano. E 25 mil novas crianças. Como a criança é mais importante do que o automóvel, precisamos fazer com que os automóveis não expulsem as crianças da cidade e as aprisionem dentro dos apartamentos e casas. E isso só se consegue separando as pessoas e os automóveis. Há ruas mais largas para os automóveis, mas há ruas apenas para as pessoas. Senão, os automóveis expulsam os homens e tomam conta das cidades, como já está acontecendo em muitas cidades.

5. — Aliás, é preciso inventar uma pílula anticoncepcional para os automóveis. A capacidade administrativa e urbanística do Brasil não suporta esse crescimento geométrico do número de automóveis: Ou encontramos soluções, e soluções urgentes, ou chegará o dia em que nossas grandes cidades tornar-se-ão inabitáveis para a vida.

6. — Não é fácil ganhar rapidamente a população para as novas medidas. É difícil informar. A imprensa, em geral, não tem muito espaço para os problemas da cidade. Resultado: o povo sabe como andam os meniscos dos jogadores de futebol, mas não sabe como andam as coisas de sua cidade. Por isso, criei o "Roteiro da Cidade". É um jornal mural semanal pendurado em pontos de encontro: parques, estações, aeroportos, praças. O Roteiro não faz propaganda. Informa. Não fala no prefeito, não toca no nome dele. Não tenho a pretensão de achar que a cidade já está por dentro. A opinião pública é sempre mais favorável ao volume de obras do que à humanização. Quando planejei fechar o centro da cidade, proibir automóveis no centro e entregar todos aqueles quarteirões ao pedestre, sabia que haveria reação. Fui ao governador Pedro Parigot e lhe disse que ia fazer a coisa de susto, porque, quando viessem reclamar com ele, já estaria feita e a população começaria a sentir as

vantagens. Aqui, a pressa é amiga da perfeição.

7. — Foi exatamente o que aconteceu. Comissões de comerciantes foram ao governador, ele pediu 72 horas para pensar. Era o prazo que eu tinha pedido a ele. Hoje, todos estão convencidos de que a prefeitura estava certa e apóiam nosso trabalho. A filosofia é fazer uma cidade equipada. As quatro linhas básicas da administração são:

- recreação
- circulação
- saneamento
- educação

8. — Recreação não é só fazer a praça. É ocupá-la. Montar uma estrutura de animação da cidade. Preparar as praças para serem pontos de encontro. Consegui com a Escola de Educação Física 200 estudantes contratados para ficarem fazendo rodízio nas praças e dando aulas de educação física, organizando jogos, animando e ocupando as crianças. Tem sido um sucesso.

9. — Curitiba é uma das cidades mais áridas do Brasil. Estou preparando 1.400.000 m² de parques. É a maior área urbana do País tratada paisagisticamente. Por exemplo: a Guanabara plantou 13 mil árvores. Já plantei 25 mil em dois anos. Nosso slogan é: "A prefeitura dá sombra, você dá água". O povo está cuidando das árvores.

10. — A experiência da rua-parque também tem dado muito certo. Há as ruas largas, avenidas, mais para os carros. Os pedestres ficam apenas com os passeios comuns. Mas, na rua-parque, de menor movimento, o carro passa apenas por uma pequena faixa e os passeios são alargados para que as crianças possam brincar ali com jogos, brincadeiras e chão bem gramado. É a rua mais para as pessoas do que para os carros.

11. — As cidades sem mar sofrem um drama enorme: não têm seu ponto de encontro natural. É preciso criá-los e mantê-los. Aqui em Curitiba, por exemplo, tínhamos a Boca Maldita, o quarteirão central da avenida. Mas os carros não davam liberdade às pessoas. Fechando



A rua com passeio-parque

A pressa é amiga da perfeição

o centro, estirando os bares até o fim dos passeios, fazendo abrigos, criando postos de vendas de flores, transformando os passeios em locais onde as crianças têm papel, cartolina e tintas para pintarem, demos ao centro uma mobília urbana, criamos um ponto de encontro. A cidade sabe que, ali, as pessoas podem parar, conversar, descansar, porque ninguém será tangido por nenhum automóvel.

12. — Lembro-me de que, quando estudante no Rio, o Bar Lamas, no Largo do Machado, era o ponto de encontro da juventude. Era endereço para as famílias se corresponderem com seus filhos, dos outros Estados. Havia um correio particular, lá dentro. Estamos inaugurando, no centro, um ponto de encontro onde as pessoas possam marcar contatos, deixar cartas, bilhetes, recados, avisos. É preciso acabar com o homem inteiramente só das grandes cidades. Criar locais de reunião espontânea. Isso se chama humanizar a cidade.



Jaime Lerner
professor
de cidade

Temos 23 mil novos automóveis e 25 mil novas crianças cada ano. Não podemos deixar que os carros expulsem as crianças e os adultos de nossas cidades



Xadrez nas ruas

O metrô é solução ultrapassada

13. — Outro problema fundamental é a circulação. O metrô é uma solução ultrapassada. Precisamos criar novos sistemas. E as cidades médias, como a nossa, que não têm necessidade de um serviço tipo metrô ou aerotrem, devem inovar. Estamos fazendo uma experiência que considero da maior importância, em termos de Brasil e mesmo do exterior. Vamos instalar o **Ônibus Expresso**: serão ônibus grandes, de 2 andares, para 100 pessoas sentadas, correndo dentro de avenidas exclusivas, sem sinalizadas, com estações de 800 metros, com horário e conforto. Esses ônibus transportarão a grande massa de passageiros. Os carros particulares circularão em ruas paralelas, sem entrar nas avenidas. Haverá, então, ruas só para os ônibus, ruas só para os carros e ruas só para pedestres.

14. — Uma cidade como a nossa, de poucos recursos, por falta de industrialização, precisa criar instrumentos próprios. São Paulo tem dinheiro, o Rio tem espaço, Porto Alegre tem força política, Belo Horizonte tem crédito, Curitiba precisa ter imaginação. Estamos criando uma região economicamente forte, com mais oferta de emprego, para criar um Pólo Industrial. Se quiséssemos resumir tudo em binômios, diríamos que o nosso é: industrializar e equipar.

15. — Não tenho nenhuma joga-

da política. Jogo no meu campo, que é a cidade. Qualquer outra função, a não ser prefeito, não quero. Nem secretário de Estado, nem diretor de nada. Quando sair daqui, se me quiserem, vou ser prefeito em qualquer outro lugar, por menor que seja a cidade. Outra coisa, não. Do contrário, volto para meu escritório e vou trabalhar em urbanização. Porque a cidade é minha profissão e minha alegria de trabalhar.

16. — No discurso de minha posse, disse algumas coisas que sintetizam o que penso:

a) — Por certo vivemos hoje mais em um tempo de semeadura do que de colheita. Por certo há mais etapas a conquistar do que a comemorar. Por certo há mais desafios para o trabalho do que convites para o descanso. E porque vivemos em uma época de grandes e rápidas transformações, precisamos todos olhar com os nossos próprios olhos os nossos caminhos, precisamos todos tomar em nossas próprias mãos o nosso destino como cidade.

b) — Por isso — e para isso — acredito no planejamento. Já disse alguém que "a rapidez da evolução obriga o homem à previsão". Prever o amanhã para poder provê-lo é justamente a característica essencial que distingue e separa definitivamente o planejamento da improvisação. Há seis anos tenho participado de uma equipe que, com o coração e a inteligência, empenhou-se no estudo, na pesquisa, na análise dos grandes e pequenos problemas da nossa Curitiba. Desta experiência, trago preciosas indicações para o conhecimento de suas verdadeiras necessidades e potencia-

A cidade é minha alegria

idades. E também da estratégia a estabelecer na solução dos impasses de uma cidade como a nossa, num país como o nosso. Esta experiência de seis anos de estudo e de trabalho conduziu-me a convicções firmes e a diretrizes claras.

c) — Mas não tenho e jamais terei a pretensão de agir como se fosse o dono da verdade. Acredito nos frutos do debate honesto, do diálogo produtivo; e não acredito em uma estratégia política onde não haja lugar para esse debate e esse diálogo.

d) — Uma cidade é muito mais do que um modelo de planejamento; é muito mais do que um instrumento de política econômica; é muito mais do que um núcleo de polarização social. A alma de uma cidade — a força vital que a faz respirar, progredir, existir — reside em cada um de seus cidadãos, em cada homem que nela aplica e nela esgota o sentido de sua vida. E essa é a nossa premissa fundamental: a cidade — com todas as suas funções — deve estar a serviço do homem e não o homem subordinar-se às imposições urbanas como mero espectador.

e) — Funda-se nesta filosofia — e toda administração a tem — o sentido último das obras que pretendemos realizar: o propósito de equipar a cidade. Porque se vamos buscar tornar Curitiba uma cidade equipada, para que exerça plenamente seu papel ante a região e ante o Estado, vamos tornar Curitiba uma cidade equipada sobretudo para assegurar aos curitibanos a certeza de que o nosso progresso, a nossa expansão quantitativa e qualitativa não vão transformar a cidade em um monstro criador de neuroses e de frustrações. E todos sabemos que a neurose coletiva é o triste privilégio das grandes cidades.

f) — Realce especial, por isso, será dado à recreação, que envolve não apenas a criação de uma estrutura de animação da cidade, do ponto de vista social e cultural, como também a construção de novas praças e de grandes parques, a preservação das áreas verdes expressivas, a execução de um plano de arborização da cidade e de uma nova política de ocupação do solo, destinada a coibir o processo de intensificação da poluição do ar e da água.

g) — Os mais abalizados estudos

POLITIKA

11

urbanismo

urbanísticos fazem prever que a recreação será a função urbana mais importante do futuro, pois cada vez menos horas o homem irá precisar despende no trabalho e cada vez maior será a sua necessidade de evasão. E a cidade deve preparar-se efetivamente para o futuro. Adequando-se permanentemente às necessidades humanas. Isso implica também em uma nova abordagem em relação à circulação urbana.

h) — O habitante de uma cidade deve poder usufruir plenamente de todas as condições que lhe permitam circular para trabalhar e não ter o trabalho de circular. A estratégia comumente adotada quanto à circulação não tem levado a resultados humanamente satisfatórios. Dada a impossibilidade de moldar a estrutura viária de acordo com o crescimento do número de automóveis — que não cessará —, é preciso resolver principalmente como e onde o automóvel deve parar e não somente como e onde deve circular.

i) — É preciso, enfim, que o cidadão curitibano viva integralmente a vida de sua cidade. Quanto menos ele conhecê-la, respeitá-la, valorizá-la, maior será a sua falta de integração, o seu desligamento, a sua alienação ante os grandes desafios que a vida urbana a todo momento nos impõe. Cada progresso, em cada setor, deve corresponder às aspirações de cada cidadão, como cidadão, e de cada homem, como homem. Só assim a cidade poderá tomar consciência de si própria, assenhorar-se de seu próprio futuro e caminhar para direções definidas.

j) — Devemos nos preparar para as grandes transformações que o futuro nos reserva. O futuro deve ser encarado de frente, como uma realidade concreta, palpável, dimensionável. E isso deve ser feito já. Devemos introduzir o futuro na perspectiva de cada dia. Devemos aspirar a ser uma grande cidade, sem os problemas da cidade grande. Por isso, a população será sempre chamada a participar de tudo o que se fizer.

k) — Gostaria de encerrar minhas palavras citando o grande "urbanista" que é Vinícius de Moraes: "A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida.

A maneira como tratarmos os nossos pontos de encontro agora condicionará a maneira como vamos viver amanhã".

Os gregos ensinaram que os homens só andam caminhos certos quando os professores bem lhes ensinam. Jaime Lerner, prefeito de Curitiba, é um professor de cidade.

A plaqueta do detetive

Depois a turma fica pixonando o detetive português e contando piadas sobre a plaqueta que ele usa na lapela. Carlos Ritter, carioca de 50 anos, trabalhando em construções há 32, tem o hobby de colecionar coisas que encontra nas escavações que realiza em toda a cidade. Do pinico às balas de velhos canhões, de ossos de baleia a moedas antigas, formam o pequeno museu que organiza no quintal de sua casa. Agora ele está trabalhando nas obras de escavações do metrô da Guanabara e tem aumentado muito o acervo de seu museu, mas entre as peças a que dedica maior predileção está uma placa de mesa com os seguintes dizeres: Leone Yallouz, detetive do FBI. Como se vê não é só detetive português que usa plaqueta.



O furo comercial



Passados os primeiros dias da crise provocada pela publicação no *Jornal do Brasil* das denúncias formuladas por Aduato Alves dos Santos, com as prisões que se sucederam nas 48 horas e a perplexidade na própria redação do *JB*, onde ninguém tinha conhecimento da matéria, inclusive os editores do jornal, começam agora a se esclarecer os fatos. Na realidade, o editor Alberto Dines e o redator chefe Otto Lara Rezende de nada sabiam. Quem estava por dentro eram o vice-presidente, Dr. Nascimento Brito e o Sr. Bernard Campos, diretor comercial. Este último, inclusive, havia telefonado na sexta-feira para uma agência de notícias estrangeira e pedido que no sábado, à meia-noite, mandasse um redator no *JB* apanhar uma matéria de grande importância. Ao ser indagado do que se tratava, fugiu à resposta dizendo que até ele desconhecia o que era, só sabia que era da maior importância. Pediu encarecidamente para que não deixassem de apanhar o material, mesmo quando foi advertido que àquela hora o noticiário não seria mais aproveitado pelos jornais latino-americanos e principalmente da Europa, em suas edições de domingo. Mas a insistência do Sr. Bernard Campos, diretor comercial do *JB*, foi tão grande que a agência pôs um redator de plantão e distribuiu o material para todo o mundo às 2:30 horas da madrugada de domingo.

Papo guloso



O canibalão e o canibalinho comem uma perna de gente na porta da taba. Lá em cima, passa um Boeing. O canibalinho olha, olha:

Paêêê, o que é aquilo?
 - Um fruto, filho.
 - Se come?
 - Só quando cai. E só se come as sementinhas.

Liberdade, mesmo que em parte



Um estudo comparativo realizado pela *Freedom House* sobre a liberdade no mundo atual, revela que dois terços da população do nosso planeta - calculada em 3,3 bilhões de pessoas - "sofrem severas privações de seus direitos civis e políticos."

Segundo o estudo, na América Latina "não existe liberdade civil ou política em Cuba, Haiti, Peru e Panamá", enquanto ela é "apenas parcial" nos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai e República Dominicana e Uruguai.

"Em meados de 1973 a Argentina passará ao grupo das nações onde há liberdades políticas e civis to-

tais, se os planos governamentais se concretizarem". Vêem-se sinais de melhora em alguns países de liberdade parcial, como Paraguai, Nicarágua e Honduras."

"Entretanto, no Brasil e no México, essas liberdades não chegarão à plenitude num futuro imediato. Em outros países de liberdade parcial, os fatos apontam uma deterioração da situação, a exemplo da Bolívia, Equador e Uruguai" - diz o documento.

"Apenas a metade dos 20 governos latino-americanos merecem o qualificativo de legítimos, porque foram eleitos livremente; ao passo que poucos podem provar a validade das eleições populares."

"Apesar dos esforços dos exilados, é duvidoso que Cuba possa se livrar do jugo de Fidel Castro em 1973, enquanto o Chile ainda permanece na lista das nações que dispõem de liberdade."

(Transcrito do *Jornal do Brasil*).

País tropical

Engraçado este nosso País. Com tanta gente importante, com tantos problemas transcendentais, com tanta coisa a ser discutida e proposta, não tem o menor pejo de fazer Chacrinha e Bandeira as figuras mais importantes e discutidas do momento.

É por essas e por outras que não saímos da condição de subdesenvolvidos, econômica e culturalmente, e eternos dependentes dos países desenvolvidos.

E o Jorge Ben tem, lá, suas razões: país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza.

Marcelo, o mágico

A revista francesa *Vogue*, de dezembro, traz uma confissão de Marcelo Mastroianni que parece sintomática: seu grande desejo sempre foi o de ser mágico. Que é isso Marcelo? O mulherio vai ficar em pânico.

O secretário retardado



Dos jornais: o secretário de Agricultura da Bahia, Raimundo Fonseca, disse que "não se pode falar em seca no Estado e sim num retardamento das chuvas em certas regiões".

E nós, pobres mortais conhecedores de chuvas e secas, chegamos a uma conclusão: se seca é retardamento de chuva, o secretário é um retardado.

Chamas impossíveis

O Zózimo Barroso do Amaral, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, dá a informação: os Estados Unidos na vanguarda do mundo: acaba de ser lançado pelo Pentágono um novo tipo de napalm - o napalm total. Suas chamas queimam sem oxigênio, o que significa que é praticamente impossível extingui-las.

Ora, Zózimo, isso pode ser surpresa para você, mas nós garantimos que o pessoal civil do Vietnã está cansado de saber da eficiência das chamas impossíveis de extinção.

O cordeiro tosquiado

Para uma nação que possui mais de cinco mil quilômetros de costas e que tem no transporte marítimo e na construção naval um de seus baluartes econômicos, é evidente que a Superintendência Nacional da Marinha Mercante é um negócio da maior importância. E é, efetivamente. Tanto que muitas são as fofocas, mui-

tos os apadrinhamentos e muitos os dólares que correm nas águas turvas dos oceanos de contratações dos armadores.

Ora, semana passada o comandante Carlos Cordeiro de Mello, a pedido do ministro Mário David Andreatza, foi exonerado do cargo de superintendente da Sunaman. Essa exoneração era esperada há três meses. Ou mais. Desde que acordos de fretes super-mandrakes começaram a ser assinados, o pessoal ligado à marinha mercante brasileira sabia que ele teria vida curta à frente da superintendência.

E não deu outra coisa. No início, a informação de que o comandante Cordeiro de Mello iria apresentar sua carta de demissão, por não suportar as pressões. Depois, a informação de que ele seria exonerado. E, por fim, a certeza de que o ministro Andreatza não podia mais sustentá-lo no cargo e que resolvera exonerá-lo. Está consumado mais um ato.

Comédia ou drama, perguntam-se os armadores.

A CLT de Pasetti

Manlio Pasetti, italiano de 35 anos, foi demitido da companhia aérea libanesa *Mea*. Inconformado, usou seu carro como aríete e arrebentou as vitrinas da loja onde funcionava a agência de Milão empresa. Não satisfeito, passou a jogar para o alto as cadeiras e mesas, acabando, antes de ser levado para uma clínica psiquiátrica, por depredar totalmente a loja.

Vejam vocês, agora: se a moda pega no Brasil, seria difícil que qualquer empresa brasileira não fosse depredada diariamente. Mas haveria, é claro, uma diferença: seu depredador não iria para uma clínica psiquiátrica. Tomaria o caminho de outra dependência.





A amena passarela

Na cidade do interior, famosa pelo clima fresco, o prefeito foi inaugurar uma passarela sobre a rua 24 de maio. Levou um susto. Estava escrito na placa de bronze: — "Passarela para pederastas".

O prefeito mandou chamar o secretário de Obras:

— Que loucura é essa? Deve ser Passarela para pedestres.

— O senhor acha que eu ia fazer uma passarela para meia dúzia?

O VOTO

Approximam-se as eleições. Num afobamento, reorganizam-se, às pressas, os partidos políticos. Eles já estavam resfriados, desde o ultimo pleito para a formação da Assembléia Constituinte. Os partidos políticos esfriam como cadáveres e só se reanimam nas vésperas da safra eleitoral.

Já agora, eil-os, soerguidos. Desprende delles o calor das febres malignas. Um cheiro de toxicos se elimina pelos seus póros. É um odôr pestilento que se evola através das polemicas mais sordidas, em que se atassalham os mestres do mesmo officio.

Assistimos ao espectáculo da ressurreição dos Lazaros. Do fundo de suas tumbas, eil-os, que saem. Seus corpos são chagados de vícios. Suas maos se estendem amorphas. Seus olhos rutilam no fundo das orbitas, illuminando as faces tenebrosas. São elles, os partidos. A sua lucta já principia...

Em todas as cidades do paiz, installam-se os seus postos de alistamento. Uma vasta taboleta anuncia aos cidadãos que ali se faz o rôl do rebanho. Esse rebanho não é mais puxado pelo cabresto até á bocca da urna, mas é tangido pela voz dos demagogos da praça publica, eternos pegureiros de ovelhas servis. Sim : porque já apparecem pelas praças, trepados nos coretos, o dedo espetado n ar, os mystificadores da opinião publica. Todos os analphabetos, todos os semi-letrados, todos os pernosticos e todos os paranoicos de grande gestos de drama, timbre soturno e funereo de voz. Que fazem elles? Exploram o sentimentalismo doentio das turbas, falam como charlatães. Sua virtude é a pontualidade: nunca faltaram na hora exacta em que se annunciam as comédias dos pleitos eleitoraes.

Antes da comedia ser levada á scena, apparecem os saltimbancos de feira. Palhaços velhos conhecidos do Povo, agitam-se na arena. Onde estiveram tanto tempo ausentes do convívio da massa popular? Ninguém pôde dizer ao certo. Entretanto, agora ahi estão.

Começou a lucta dos 152 partidos políticos em que se divide, se desagrega e apodrece o paiz. Uns promettem empregos, outros ameaçam com perseguições. Uns trazem ás costas a sombra prestigiadora dos governos, outros se apresentam descabelladamente clamando pela liberdade e accusando os adversários de oppressores.

A lucta é terrível. Todos os adjectivos são usados. Todos os epithetos são manobrados. Calumnia contra calumnia. Injúria contra injúria. Gastam-se paginas e paginas do jornaes. Isso custa muito dinheiro, mas os partidos têm suas caixas. Essas caixas são formadas pelos que exploram a materia-prima do voto para manufacturar a mercadoria-deputado. A mão do syndicatos estrangeiros, das emprezas industriaes e commerciaes, estende-se ás occultas,

Plínio Salgado

para depositar o seu obulo nos cofres dos partidos.

A opinião publica acompanha a batalha. Faz suas apostas, como si estivesse numa corrida de cavallos ou numa rinha de gallos. Joga-se nas "centenas" e no "milhar" dos quocientes eleitoraes. A politica é o grande jogo do bicho.

É a tragi-comedia do voto. O voto é essa cousa que não vale nada, que não exprime nada. É o fructo dessa arvore decepada, que é o cidadão.

A somma dos votos chama-se o suffragio universal. É a vontade soberana do povo. Desse povo que é o mesmo que recebe o sr. Arthur Bernardes ora com vaias, ora com applausos. Desse povo que é o tyranno de si mesmo.

Começa a grande comedia! A liberal democracia é isso. Essa coisa ridicula. O voto é essa cousa que não vale nada, que nós integralistas desprezamos com asco.

Desprezamos? Sim! E desprezamos tanto que vamos usar delle, para destruil-o. Oh! Os integralistas irão ás eleições. Para que? Para acabar com o voto. Para eleger homens que ergam a voz no parlamento afim de propôr que se acabem definitivamente com os votos, com as eleições e com os deputados, com os partidos e com a liberal democracia.

Dizem que o voto é a garantia da liberal-democracia, a sua razão de ser. Pois bem. Usemos delle, para demonstrar que a liberal democracia é tão absurda que nos fornece as armas com que iremos liquidal-a.

Nosso voto é um sarcasmo. Nosso voto é um castigo. Nosso voto é um golpe de morte. Nosso voto é a negação do voto.

Nosso gesto lembrar o episodio da morte de Néro. O imperador fascinora, na hora em que a revolução triumphava e os passos dos soldados retumbavam proximos, para caçal-o e assassinal-o, toma de dois punhaes e não sente coragem de suicidar-se.

— Que grande artista o mundo vae perder! exclama o filho de Agrippina, apavorado diante da morte.

É então que se approxima um soldado pretoriano e agarrando-lhe os pulsos, ajuda o covarde a enterrar as laminas no peito.

A liberal-democracia não tem coragem de suicidar-se? Nós somos o legionario que com os dois punhaes, a "cedula" e o "título de eleitor", dois punhaes quypertencem á propria liberal-democracia, liquidaremos a comedia.

A uma é o peito da democracia liberal. Nella cravaremos o ferro do nosso voto. Para que ella tombe definitivamente, salvando-se o Brasil da anarchia e da miseria moral.

Esse é o sentido do voto integralista. Vote-mos. Com rancor. Vibrantes de patriotismo e de esperança. Temos de luctar de qualquer maneira. Usemos as armas que nos fornecem. (Artigo de Plínio Salgado, publicado em A OFENSIVA de 16 de agosto de 1934).

O justo aumento

"O novo aumento concedido aos militares pode atender aos interesses dos que servem às Forças Armadas, cujos totais são de pouco menos de 200 mil, em tempo de paz, e parece-nos justa a medida, de vez que o surto inflacionário não foi debelado e que o aviltamento de salários e vencimentos (nos últimos 10 anos chegou a 49%, segundo dados da própria Fundação Getúlio Vargas) atinge a todos, indistintamente."

"Mas não é justo que o Governo continue a desconhecer a existência do funcionalismo civil e queira apresentá-lo como a causa de suas dificuldades administrativas e financeiras, de vez que, como se pode concluir pela análise da lei orçamentária, não são os funcionários públicos que pesam no orçamento da União. Se o Governo desse ao funcionalismo civil um aumento de 150%, ainda assim os gastos com seus servidores civis seriam menores do que os gastos com os servidores militares."

No dia 28 de outubro último, dia do Funcionário Público, em pronunciamento que fiz na Câmara, tive a oportunidade de comentar, baseado nas dotações orçamentárias para o ano de 1973, que o Governo vai gastar com os servidores militares de três ministérios quase três vezes mais do que gastará com os servidores dos restantes 13 ministérios civis. As verbas de pessoal para os civis somam 1 bilhão e 600 milhões de cruzeiros, enquanto as verbas de pessoal para os ministérios militares chegam a cerca de 4 bilhões e meio de cruzeiros."

"Chamei a atenção para o fato de que os mais recentes atos do DASP, tentando uma regulamentação de alguns níveis do funcionalismo civil,

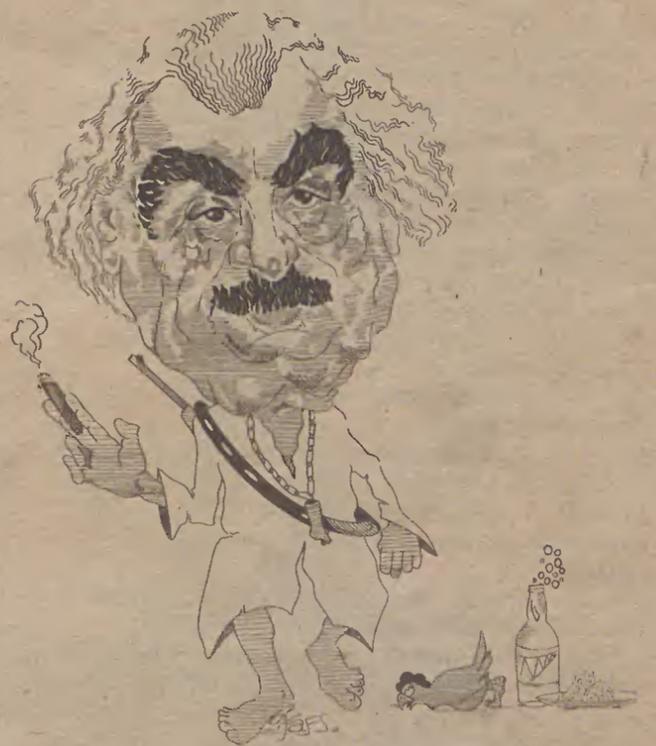
atingirão apenas 69 mil funcionários, e os melhores classificados, cargos de chefia, principalmente. A grande massa do funcionalismo civil, os velhos Barnabés, as Maria Candelárias continuarão marginalizados inteiramente, e quando sabemos, por informações do DASP que há 1 milhão e 200 mil servidores públicos no país, constata-se que realmente a classe se encontra em situação verdadeiramente dramática."

"Ouvimos dizer e isto foi repetido no congresso dos servidores civis realizado em novembro último, em Porto Alegre, que o Governo desejava marcar o ano de 1972 como o "ano do funcionário", Positivamente, não sabemos, a que propósito, a brincadeira de mau gosto."

"Se o Congresso não se encontrasse em recessão, comentaríamos novamente a situação desperperadora em que se encontra a numerosa classe, da qual depende o funcionamento da máquina administrativa do país. Nas atuais circunstâncias, lastimamos apenas que mais uma vez o funcionário público tenha sido esquecido, como um pária, e aqui deixamos nosso apelo para que o Governo encare a sério a solução de um problema que interessa a tantos brasileiros, e adote uma solução humana, democrática, sem discriminações. Um Governo forte, militar, não pode desejar conciliar o atendimento de suas justas reivindicações com o alijamento das reivindicações não menos justas dos civis, o que pode levar a opinião pública, vale dizer, o povo, a suspeitar de que se está erigindo castas e privilégios inaceitáveis no país."

(J.G. de Araújo Jorge, poeta e deputado, que o Jornal do Brasil publicou.)

O amado dos Orixás





Edmar Morel

REPORTAGEM PROIBIDA

DA LETÔNIA À LAGOA

Quem passasse pela Lagoa Rodrigo de Freitas encontraria uma frota de pedalinhos, inocentes divertimentos infantis, de propriedade de Herbert Çukurs, o criminoso número dezessete de Nuremberg, que matou 300 mil judeus na Letônia. Denunciei sua presença no Brasil em 1950. Todavia, a reportagem simplesmente não saiu. Çukurs tinha amigos influentes no Itamarati, que prontamente atenderam ao pedido do cônsul brasileiro em Marselha, concedendo-lhe visto de permanência definitiva. Não tivesse sido anunciada de véspera, a reportagem teria saído. O erro foi alertar seus comparsas poderosos. Os crimes mais importantes de Çukurs foram:

- 1 — Liquidou, pessoalmente, o gueto de Riga, matando mais de 20 mil mulheres, crianças e velhos.
- 2 — Responsável pelo extermínio de 30 mil israelitas nas noites de 29 de novembro e 7 de dezembro de 1941.
- 3 — Profanador de cemitério judaico de Riga, em 2 de julho de 1941.
- 4 — Incendiou a sinagoga, à rua Gogot, em 4 de julho de 1941, onde queimou vivos 300 hebreus lituanos que lá encontraram abrigo à perseguição de Hitler.
- 5 — Esterilização e posterior extermínio de 400 varões em Bansk, em julho de 1941.
- 6 — Afogamento, na mesma época, de 1.200 judeus.
- 7 — Fuzilamento, em Kuldiga, de mais de 500 israelitas.
- 8 — Casos de estupro e degradação moral.
- 9 — Fuzilamento de 16 mil judeus nas florestas de Riga, em 30 de novembro de 1941, sendo a matança chefiada pelo próprio Çukurs.
- 10 — Extermínio de mais de 500 judeus na noite de 29 de novembro de 1941.
- 11 — Em Culdiga, na Curlândia, impeliu milhares de judeus para o lago de Venta, e forçou-os a se afogarem. Os que não quiseram entrar na água foram fuzilados. Cerca de duas mil pessoas morreram nessas miseráveis condições.

Ao todo, o número de hebreus mortos por Çukurs, direta ou indiretamente, atinge a 300 mil.

Ligado a poderoso grupo econômico de São Paulo, o verdugo passou a ter a mais revoltante e ostensiva proteção a ponto de A Noite Ilustrada, órgão da União, ter gasto, em várias edições, dezenas de páginas em sua defesa, apontando-o como verdadeiro herói nacional da Lituânia. Já, então, o criminoso número dezessete de Nuremberg morava na Avenida Eptácio Pessoa, 574, no Rio. Com o beneplácito do Prefeito, montou um bar flutuante na lagoa Rodrigo de Freitas e com o apoio das autoridades, passou a sobrevoar o Rio, pilotando um hidroavião, a pretexto de conduzir turistas. Ao repórter de A Noite, em 1952, declarou:

— Se sou culpado, se consto da lista de Nuremberg, devo para lá ser enviado. Mas as leis democráticas do Brasil me protegem. Daqui ninguém me leva.

Vários jornalistas, como Raimundo Magalhães Júnior, Osório Borba, Ivone Jean, Joel Silveira, Homero Homem, Maurício de Medeiros, Pedro Mota Lima, Álvaro Moreira, Eneida, etc., protestaram contra a presença do criminoso de guerra em nosso país.

Alertado pela Federação das Sociedades Israelitas, o então ministro da Justiça, Negrão de Lima, negou a naturalização e o carrasco de Riga foi morar em São Paulo, onde vivia próspero e feliz, com os maiores do nazi-fascismo, inclusive Dino Grandi, antigo ministro de Mussolini.

Herbert Çukurs foi atraído a Montevidéu e caiu numa cilada, sendo esquartejado. Uma pequena minoria brasileira, com ranço nazista, acha que Herbert Çukurs era inocente e não merecia fim tão cruel. Poderia ter sido levado para Israel, a exemplo do que ocorreu com Adolf Eichmann, seqüestrado em Buenos Aires, julgado e executado em Israel, porém, com direito de defesa. O historiador inglês Gerald Reitlinger, em A Solução Final, editado por Vallentine, Mitchell Co., de Londres, co-

DAS SCHICKSAL EINIGER DER FÜR DIE „ENDLÖSUNG“ VERANTWORTLICHEN
BRUNNER, SS-Sturmabführer Anton Alois. Eichmanns erfolgreichster Fachmann für Judendeportationen. War in Wien, Berlin, Saloniki, Paris und Preßburg tätig. Auf Grund eines Todesurteils des Volksgerichts in Wien am 10. Mai 1946 hingerichtet.

Buch, Major Walter. Vorsitzender des Parteigerichts. Empfahl die Begnadigung der Mörder vom 9. November 1938. Beging vor Eröffnung des Prozesses gegen ihn in einem alliierten Internierungslager 1949 Selbstmord.

BOHLER, Josef. Staatssekretär in Generalgouverneur Franks Regierung in Krakau. Drängte bei der Wannsee-Besprechung auf die Ausrottung der polnischen Juden. Am 20. Juli 1948 in Warschau zum Tode verurteilt.

BÜRCKEL, Josef. Gauleiter von Wien und später von Saarland-Lothringen. Verantwortlich für die Deportation von Juden aus diesen Gebieten (1939/40). Beging im September 1944 Selbstmord.

Clauberg, Professor Dr. Führte Sterilisierungsexperimente im Hauptlager Auschwitz durch (1942—44). Kehnte im Oktober 1955 aus der Sowjetunion nach Deutschland zurück.

Conti, Leonardo. Staatssekretär für Gesundheitswesen im Ministerium des Innern. Seine Teilnahme an der Einrichtung von Gaskammern nicht bewiesen. Beging im Oktober 1945 im Nürnberger Gefängnis Selbstmord.

Cukurs, Herbert. Vertreter von Arojs (siehe diesen) während der Massaker in Riga. Soll im Jahre 1949 Inhaber eines Vergnügungsbootes in Rio de Janeiro gewesen sein.

DALUEGE, SS-Hauptsturmführer Kurt. Chef der Ordnungspolizei unterschrieb im Oktober 1941 den Befehl zur Deportierung der Juden aus dem Reich. Am 20. Oktober 1946 in Prag hingerichtet.

DANNECKER, SS-Hauptsturmführer Theodor. Leiter der Judendeportationen aus Frankreich (1942), Bulgarien (1943) und Italien (1944). Ist spurlos verschwunden.

D'ARQUIER de Pellepoix. Nachfolger Vallots als Kommissar für die Judenfrage der Regierung Pétain. 1947 zum Tode verurteilt.

Dering, Dr. Wladislaw. Von der sowjetische Untersuchungskommission als Mitarbeiter von Dr. Schumann bei dessen Experimenten in Auschwitz bezeichnet. In England 1947 verhaftet, aber aus Mangel an Beweisen wieder freigelassen. Leitet gegenwärtig ein Krankenhaus in Britisch-Somaliland.

EICHMANN, SS-Obersturmbannführer Karl Adolf. 1940—45 Leiter der Judenabteilung der Gestapo. Wurde zuletzt am 3. Mai 1945 in Alt Aussee gesehen. W. HÖHL zufolge soll Eichmann im November 1945 aus einem amerikanischen Internierungslager geflohen sein.

ENDRE, Lászlo. Kommissar für Judenfragen im ungarischen Ministerium des Innern. Auf Grund eines Urteils des Budapester Volksgerichts im Januar 1946 hingerichtet.

ENTRESS, SS-Hauptsturmführer Dr. Ferdinand. Volksdeutscher Arzt aus Polen, der an der Ausrottung der Kranken in Auschwitz mitwirkte. Am 22. November 1947 in Krakau zum Tode verurteilt.

loca Çukurs no mesmo plano de Eichmann, na página 581, cujo fac-simile ilustra esta reportagem.

Eis como um criminoso de guerra, com a ajuda de amigos poderosos no Itamarati e em São Paulo, impediu a publicação de uma reportagem, narrando seus crimes horrendos contra a Humanidade.

Danúbio
Rodrigues

Homero Homem

Os livros,
Bloch, onde estão ?

O *Jornal do Brasil* do dia 8/12/72 publicou este apelo do jornalista Armando Nogueira, na sua coluna de esportes:

"De vez em quando, um leitor me escreve ou telefona, perguntando como conseguir o livro *Na Grande Área*, que publiquei há seis anos pela Editora Bloch. Recomendando, sempre, que procure nas livrarias e ele responde invariavelmente que não encontra o livro em lugar nenhum. Agora, a Editora Bloch me informa, atendendo a pedido escrito, que ainda dispõe em estoque de 2400 exemplares de uma tiragem por mim ignorada.

Quer dizer: livro faltando nas livrarias mas sobrando no depósito da editora.

Tenho a impressão de que a Bloch devia pôr o livro um pouco mais ao alcance

dos gatos pingados que o procuram, quase sempre, por necessidade (algumas crônicas, pelo fascínio do futebol, têm sido escolhidas como texto escolar). Longe de mim pensar em ganhar algum dinheiro com o tal livro. A última prestação de contas da editora, nos últimos seis meses, é uma advertência contra este sonho: mandaram-me os Bloch, outro dia, um cheque de Cr\$18,00 (isso mesmo, leitor: 18 cruzeirinhos). Mas, a Editora Bloch podia perfeitamente me dar o endereço do depósito em que está mofando o interminável estoque; assim, eu não deixarei sem resposta os raros mas respeitáveis leitores que, vez por outra, se interessam pelo livro. Este é um tímido apelo que ousa fazer, menos ao empresário e mais ao jornalista, bravo jornalista Oscar Bloch, pessoa sempre tão atenta às coisas do espírito"

gres... Por falar nisso, a mesma Editora Martins lançando todo Mário de Andrade em co-edição com o Instituto Nacional do Livro, inclusive volumes há muito esgotados. Mário — e não Oswald — é que ficará para sempre na história da literatura brasileira, garantem os entendidos...

• E a Verbo? Caladinha, instalou-se em São Paulo e já começou a pôr as mangas de fora: a coleção *Literatura Portuguesa Contemporânea* começou joíssima; *A Selva*, de Ferreira de Castro, leva uma nota longa de Jorge Amado. Quem deveria estar ali talvez fosse o companheiro e amigo fraternal do autor português, o excelente contista Peregrino Júnior, autor ainda de um estudo sobre as doenças em Machado de Assis, que deveria ser reeditado imediatamente.

• De extraordinária beleza as edições de luxo de *O Primo Basílio* e *Os Maias* (este, em dois volumes) feitas pela Livros do Brasil, de Lisboa. Além do formato (17 x 24), ilustrações

a quatro cores inéditas de Bernardo Marques. A Livraria Camões (Rua Bittencourt da Silva, 12-C) recebeu-os há pouco.

• Quem quiser observar a filosofia de Alvaro Neiva é só ler o seu *Educação Moral e Cívica* e as *Instituições Extra-classe*, para ensino de segundo grau, integrante da *Coleção Didática Dinâmica* da José Olympio, sob orientação da Professora Nilda Bethlem. O autor espera que esta segunda edição encontre a mesma aceitação da primeira, também valendo como um tijolo a mais na construção do Brasil Maior que todos sonhamos, cujos primeiros contornos já começam a delinear-se nos horizontes da Pátria e no generoso orgulho dos seus filhos.

• O poeta Moacir Cirne cada vez mais imprescindível aos planos editoriais da Vozes, trabalhando diariamente dez horas. Também pudera, apenas sobre revistas em quadrinho já lançou três livros teóricos, todos vendendo fácil.

Balcão

• O adido cultural da Embaixada da República Federal Alemã viajou para Bonn, onde passará três meses de férias. Bernhard Zickgraf é grande entusiasta da chamada Política de Abertura para o Leste, posta em prática pelo Chanceler Willy Brandt, e bom leitor dos escritores brasileiros e latino-americanos. Entre os nossos clássicos dá destaque todo especial a Machado de Assis.

• Que beleza esse *O Mundo Movente* de Guimarães Rosa, de José Carlos Gabaglio, da Universidade de São Paulo! Lançou-o a Editora Ática, que acaba de se instalar também na Guanabara, à Rua Barão de Ubá, 143, junto à Praça da Bandeira. A Ática — que de há muito vem entrando forte na área didática — está de parabéns por esse lançamento; e como ele tem uma interpretação polêmica, faltou à bibliografia juntar o artigo de Rui Facó sobre *Grande Sertão: Veredas*, onde o falecido jornalista descobriu um pensamento antilatifundiário, e publicou-o na extinta revista *Estudos Sociais*.

• E o Cícero Dias, hein? Há trinta anos prepara um roman-

ce autobiográfico chamado *Jundiá* e até agora nada de concluí-lo!

• A Editora Abril estourando a praça brasileira com livros policiais baratíssimos de quinze em quinze dias, nas séries Aço e Bronze. Bastante — mas bastante mesmo — sangue, briga, tiros, suspense, mulheres, espíões... Dois meses antes da Abril a Editora Três lançara também os seus policiais à caça de leitores apressados...

• A Garnier espiando o mercado para se instalar no Brasil definitivamente, querendo fazer livro da melhor categoria. O parque industrial que seria montado já tem até planta e projetos. A coleção *Clássicos Garnier* tanto poderia ser uma empresa autônoma quanto associar-se a alguma editora interessada, principalmente uma paulista...

• Não é todo dia que os poetas recebem telegrama do presidente da República. É por isso que Homero Homem anda vibrando. Também pudera, *O Livro de Zaira Kemper & Poesia Reunida* teve saudações também do ministro Jarbas Passarinho, do general Rodrigo Otávio, do coronel Otávio Costa. Este entusiasmou-se e sapcou uma carta, onde, à certa altura, diz que em minha estante, onde os poetas prevalecem... Cassiano Ricardo mandou-lhe quatro folhas de papel cheinhas de elogios. É, Homero

ainda não fez setenta anos, imaginem...

• A Organização dos Estados Americanos envia gratuitamente, a quem solicitar, uma Carta Semanal, onde há destaque para livros sobre América Latina, saídos em qualquer parte do mundo. É só escrever para a Caixa Postal 13-2027, Brasília.

• Leve e fácil de ler, de fundo conteúdo humanístico, o *Baú de Ossos* do mineiro Pedro Nava. O curioso é que essas memórias não foram co-editadas pelo Instituto Nacional do Livro por um motivo muito simples: está vazado em expressões menos protocolares, visando ao acervo das bibliotecas públicas e escolares do país. Edição Sabiá.

• Recado à Sra. Condessa Pereira Carneiro: o livro do seu pai, *Como se Faziam Presidentes*, está sendo cuidadosamente preparado e revisado pela turma da José Olympio. Este — em pessoa — recomendou total desvelo pela edição, inclusive aceitando todas aquelas ponderações que a Sra. recomendou. Fique tranqüila que o trabalho é da maior importância e será sucesso (e surpresa) nos meios políticos brasileiros, pela atualidade e estilo de Dunshee de Abranches.

• Jorge Amado estourando com Teresa Batista, *Cansada de Guerra*. Tomara que seja bem superior ao *Tenda dos Mila-*



Apesar de todos os esforços, o clero continua em crise. O padre, mesmo com o Sínodo, os contornos estratégicos, é um homem confuso e sem respostas.

**Padre
Mirabeau
Lopes de
Barros**

PADRE

um homem sem resposta

O clero está em crise. Esta é a afirmação do padre Mirabeau Lopes de Barros, da Matriz da Glória, do Largo do Machado, aqui na Guanabara. E POLITIKA quis saber onde a crise. Foi a ele. E obteve as respostas, mesmo de uma pessoa que se considera sem respostas. Mas, o padre Mirabeau faz uma observação: esta pode não ser a verdade de todos os padres. Pode, até, não ser a de muitos. O que é importante, entretanto, não é todo muito ou pouco. O que vale, realmente, ao padre Mirabeau, é que a verdade seja uma liberdade. Que a verdade liberte. E aqui estão as respostas do padre, um homem sem respostas. (A Editoria).



Apesar do Sínodo, apesar de esforços mais ou menos sinceros, apesar de contornos estratégicos, o clero continua e continuará em crise. Se ele nem sempre agita o cenário das notícias, no entanto, subrepticamente vem demolindo, a cada dia, o coração e o entusiasmo de muitos. O padre é, ainda, um homem sem resposta às suas aspirações mais profundas.

O estudo que agora me proponho publicar pode não refletir a verdade toda de todos os padres. Creio, no entanto, ser muito a verdade de cada um. O importante não é o todo, o muito ou o pouco da verdade. O importante é que a verdade nos liberte.

Meu intuito não é difamar o clero, ofender irmãos, desacreditar os outros. Trata-se, apenas, de refletir em voz alta o que se murmura na voz baixa do medo, no sussuro do desânimo, no bichanar hipócrita da acomodação.

Trata-se de levar adiante um problema que não deve ser marginalizado por uma pastoral festiva de convites e retirinhos beatíficos ou fervorosos literários. O assunto é sério demais: o clero está e continua em crise.

Os sinais da crise são patentes. Só os cegos não vêem. Nada tem sido tão evidente na História da Igreja.

1 - O abandono do sacerdócio:

- De ano para ano, em número cada vez maior, dezenas de padres se desligam da estrutura clerical. Oficialmente vinte mil padres já se laicizaram.

- Há, também, um número cada vez maior de padres que se laicizam sem

dar satisfações à Jerarquia por julgarem o processo uma exigência burocrática sem nenhum sentido evangélico. Na verdade os termos da carta que se recebe não são nada paternais. Ei-los:

Cumpr-me dar-lhe comunicação do Rescrito de redução ao estado leigo com dispensa dos cargos inerentes às Sagradas Ordens, dado pela S. Congregação da Doutrina, da Fé, em data de . . .

- O suplicante dispensado dos encargos ministeriais deverá viver afastado dos lugares onde sua condição anterior era conhecida.

- O Bispo diocesano do lugar de residência do suplicante dará a necessária delegação para a celebração canônica do matrimônio que o suplicante vier contrair.

- A celebração do matrimônio deverá ser oficiada sem pompa exterior, por um sacerdote especialmente autorizado e obrigado a segredo, sem a presença de testemunhas ou com duas testemunhas apenas, devendo os autos serem guardados nos arquivos secretos da Cúria local. Cabe ao Bispo decidir em que condições será dada a comunicação da dispensa outorgada e da celebração do casamento a parentes, amigos e empregadores do suplicante.

- Ao suplicante reduzido ao estado leigo é vedado:

- a) qualquer exercício da Ordem Sagrada;

- b) ter participação em celebrações litúrgicas perante o povo;

- c) pronunciar homilia;

- d) exercer ofício pastoral;

- e) exercer funções de direção e de professor em seminários, faculdades teológicas e outras instituições religiosas congêneres;

- f) ter função de diretor em colégio católico;

- g) ser professor de religião em qualquer escola, católica ou não.



**Padre,
um homem
sem resposta**

Quando o padre não se dispõe a romper com tudo, surgem as situações mais paradoxais. E desaparece o intuito de "ser" em favor de "parecer" padre.

Há uma crise, que pode ser vista pela criação de grupos de padres e as suas publicações

Tudo isto parece incrível, mas é verdade.

Além destes que enveredam pelo corajoso caminho da laicização, podemos constatar igualmente um número grande de sacerdotes **infiéis ao sacerdócio**, embora fidelíssimos ao **status clerical**. Acobertam sob a condição de padres as situações mais paradoxais. Contanto que não haja escândalo, vai tudo bem. Não importa para eles **ser** padre, mas **parecer** padre.

Quando não é a infidelidade oculta ao sacerdócio, é o desânimo a se alastrar mesmo entre padres idosos e bons que afirmam desalentados: **somos uma última edição de padre que não vai mais ser reeditada**.

Um outro sinal da crise é o nascimento, em quase todas as nações do Ocidente, de grupos sacerdotais, mais ou menos consistentes, cognominados de grupo de padres **solidários** ou de **igreja renovada**. Pretendem eles uma redefinição do sacerdócio em seu **ser** e em seu **agir** para engajamentos mais reais na vida.

- na França, o grupo **Echange e Dialogue**, com 720 padres.

- na Bélgica, um grupo com 250 padres.

- na Holanda, o grupo **Septuagint** com 300 padres.

- na Espanha, um grupo com centenas de padres.

- têm-se notícias de grupos na Itália e nos Estados Unidos.

- no Brasil, o Documento dos Presbíteros publicado pela CNBB foi fruto de pressão do clero.

- na América Latina, os padres do Terceiro Mundo.

2 - As publicações:

Não há dúvida de que as publicações cada vez mais numerosas em forma de livros, de opúsculos, de artigos, denunciam uma crise indissolúvel.

Eis algumas:

- **Demain, une Eglise sans prêtres?** (J. Duquesne)

- **C'è un domani per il prete?** (F.V. Joannes)

- **Un prete diverso.** (B. Lagrange)

- **Le prêtre a recherche de lui-même.** (J. Laplace)

- **Dossier sulla declericalizzazione.** (V. Merinas)

- **La declericalizzazione del prete.** (S. Mondin)

- **Il prete in crise nella società.** (A. Nesti)

- **O clero em ritmo de crise.** (Sotero)

De algumas destas obras farei, adiante, um breve esquema.

3 - A crise a Jerarquia:

Um último sinal da crise é a crescente preocupação da Jerarquia. Não importa a opinião que cada Bispo tenha a respeito dela. Importa que a simples referência a ela é uma afirmação de sua existência.

- Paulo VI muitas vezes referiu-se à crise do clero em vários discursos e mensagens.

- O Simpósio dos Bispos Europeus em Coiro (1969) deteve-se na crise do clero.

- A Conferência dos Bispos do Brasil publicou o célebre Documento aos Presbíteros.

- A Conferência Latino-Americana afirmou através de seu então Presidente, D. Avelar Brandão: **A Igreja deve hoje permitir novas formas de vida sacerdotal; isto constitui um problema que se apresenta à Igreja.** (Jornal do Brasil 23/6/70).

4 - Sintomas de crise:

Os sinais nos conduzem aos sintomas da crise que abala o clero. Um sintoma grave é o descontentamento do padre com a vida que leva. Sua vida encontra-se em alarmante defasagem. Esta defasagem pode verificar-se em várias situações:

- Defasagem pelas condições de trabalho:

- trabalho às vezes massacrante e consumidor, nem sempre apreciado pela maioria dos fiéis, muitos dos quais não deixam de reprovar-lhe a vida cômoda e parasitária.

- trabalho que para uns parece inútil e para outros não passa de uma obrigação própria de um funcionário do culto sem expressão apostólica.

- trabalho com pouca ou nenhuma consolação.

- Defasagem pela angustiada incerteza na vida

- o padre, de um lado, sente (e sabe por experiência própria) que os velhos métodos pastorais não funcionam mais; por outro lado,

não consegue encontrar formas realmente novas de ação apostólica. As que encontra lhe parecem superficiais e transitórias como fogo de palha.

- daqui um sentimento de inquietude pelo afastamento do povo. Desconforto por não conseguir arremeter as forças mais válidas da paróquia (os homens que aderem com mais entusiasmo a todas as outras expressões de vida religiosa e filantrópica) e as forças do futuro (os jovens que exigirão no futuro, sob pena de deserção em massa, uma igreja renovada, que não está sendo preparada para eles).

- sente discutível conforto em ficar preso aos **fiéis e devotos** e não poder nem saber como dedicar atenção aos afastados. Acenam-lhe com a criação de comunidades de base que morrem por ele, não podem assistir em seu número crescente e morrem por se pretender imprimir-lhe o espírito de uma pastoral paroquial ou pré-fabricada quando elas vicejariam num crescimento espontâneo e plástico.

- Defasagem pelas condições materiais de vida.

- são condições de real pobreza que lhe impõem graves limitações. Pobreza contrastante com reais situações de riqueza na Diocese.

- sente constrangimento por **viver do altar**, ser pago pelos serviços sacerdotais. Repugna-lhe verificar que o seu sacerdócio desce ao nível de um **emprego**, quando não da **simonia**.

- gostaria de fazer sua a frase do Apóstolo Paulo: **trabalho com minhas mãos para atender às minhas necessidades.**

- Defasagem pelas condições morais e espirituais.

- o padre de hoje sente, mais do que o de ontem, a solidão. Múltiplas dificuldades lhe proibem ter na própria casa pessoas de sua família. Isto, aliás, nunca foi aceito pela formação que recebeu no seminário.

- é difícil encontrar pessoas dispostas a fazer pequenos serviços domésticos dos quais o padre tem necessidade; quando as encontra, não são pessoas hábeis.

- as pequenas comunidades sacerdotais não têm vicejado quer

por não serem estimuladas, quer por não serem acatadas em suas reflexões e experiências pastorais, quer pela dificuldade de convivência entre pessoas de diferentes gostos, hábitos, mentalidade e idade.

- poderia encontrar remédio para sua solidão entre os paroquianos, criando um relacionamento variado, alegre e natural. Talvez tenha tentado. Nasceram ciúmes e maledicências comprometedoras. Percebeu, aos poucos, que sua sacristia é o reduto daqueles que menos acreditam nele. Prefere, então, recolher-se à sua casa paroquial fria e melancólica.

- prevê uma velhice sombria econômica, física e afetivamente.

- Defasagem pela solidão celibatária:

- a solidão moral e espiritual exaspera e acentua o problema do celibato, já por si de difícil solução.

- aos poucos, constata que muito poucos acreditam no celibato obrigatório dos padres que deixa, por isso, de ser um testemunho.

- aos poucos, os argumentos bíblicos, teológicos, morais e pastorais em favor do celibato vão perdendo consistência ao longo da experiência, dos estudos, dos fatos e da vida menos seminarística e monacal.

- o celibato transforma-se em peso excessivo que só seres excepcionais suportam.

- aos poucos, em sua angústia, é explicável resvalar para a misantropia, para a falta de dignidade pessoal, para a preguiça.

- aos poucos, é explicável, neste estado, confiar-se em amizades femininas equívocas e culposas.

- Defasagem pelo relacionamento com os superiores

- o relacionamento com os superiores não é bom. Trava-se um relacionamento frio, burocrático, político. O relacionamento mais profundo e humano está ausente; inclusive, o padre se dispensa de o ter, pois sabe que o Bispo não tem condições de escutá-lo e considerar suas aspirações mais profundas. As respostas já estão no **bolso do coleto**.

- o padre que tem a coragem de falar alto e dizer o que pensa, é tido como **ovelha negra** do rebanho. Ovelha negra por não mostrar entusiasmo por ordens vindas de cima.

- o bispo, para qualquer padre, é a projeção do **reitor** de seminário que o constrange a ser a infeliz projeção do seminarista.





Ele sente não saber mais o que é

5 — Sintomas em nível do ser.

O conjunto de sintomas, anteriormente expostos, cria certamente uma defasagem grave, mas não seria capaz de provocar a crise atual do sacerdócio. Na realidade, ela tem raízes tão fundas que, muitas vezes, nem mesmo os padres que a sofrem conseguem vê-la com clareza. É uma crise que não só atinge o **agir** do padre, mas o **ser** do padre, isto é, não só atinge sua vida mas o que ele é.

• A crise segundo Bellet (confira: o medo ou a fé):

Insegurança:

- o padre tem a impressão de que não está no seu lugar e, até mesmo, que não há lugar para ele. Não percebe uma posição nítida nem diante dos cristãos, nem diante do mundo moderno.
- Sente-se revestido de uma personagem com a qual não coincide de fato.
- por estrutura mental ou por formação segregada, nutre o sentimento de estar superado, desatualizado, estranho aos outros. Daí a sintomática e sistemática busca das Faculdades numa tentativa pessoal de superar as alienantes deficiências do seminário e garantir um futuro economicamente mais digno para sua vida.
- no início de sua vida pastoral faz o que lhe parece útil e, ao

Muitas são as explicações. E todas elas levam em conta o padre como um ser humano no pleno exercício de todas as faculdades. E que pode errar.

**Padre,
um homem
sem resposta**

O padre teme, pois tem a impressão de que não está no seu próprio lugar

contrário, tem a sensação deprimente de que o carro é pesado demais para suas forças. Sua criatividade foi aparada pela rotina dos velhos e pela censura das autoridades.

- a resposta dos teólogos sobre o sacerdócio parece-lhe hesitante. Depois de tantos séculos a teologia parece ainda não muito certa da essência do sacerdócio.

Medula de crise:

- a dúvida do padre, porém, é mais essencial e mais profunda. Falta-lhe segurança de si mesmo, isto é, sobre o significado de sua consagração e missão.

- que coisa faço, para que serve o meu sacerdócio? Ele se pergunta. Esta é a medula da crise atual do clero. É uma crise de identidade.

Crise de identidade:

- O padre sente não saber mais o que é. As respostas místicas e literárias do passado o comovem pouco.

- Esta crise de identidade se pronuncia particularmente quando o padre se põe diante do mundo para o qual é enviado; de um lado encontra-se inseguro quanto à sua missão:

qual a minha missão?

deve limitar-se ao anúncio do evangelho?

ou deve também fazê-lo participante ativo na libertação do mundo, mediante até, o engajamento nos esforços revolucionários que hoje se realizam em toda parte?

- de outro lado, sente-se estranho diante do mundo, estranho à sua vida e aos seus problemas, separado dele pela barreira de seu **status** sacerdotal. Por isso vê-se incapaz de falar aos homens na linguagem deles.

- percebe que seus hábitos, seu estilo de vida celibatária e cultural, sua espiritualidade, a formação recebida no seminário o tornaram equidistante dos homens, destacado da vida, fechado em seu pequeno mundo.

- A crise segundo Merinas (Confira: Dossier sulla declericalizzazione):

O mal da casta:

- A casta é um mal. Daqui surge a necessidade de destruir o **status** clerical e eliminar a casta sacerdotal,

desclericalizar o padre para fazê-lo um homem entre os homens, **igual em tudo aos homens, exceto no pecado.**

- O clero como tal deve desaparecer. Na igreja ele é um centro de poder.

- Importa dar de novo unidade à comunidade dos crentes reinserindo nela, a jerarquia que se separou, constituindo-se, no curso dos tempos, em porção dominante.

- O Concílio Vaticano II tornou possível a superação deste **cisma** interno com a retomada da noção de Igreja como **povo de Deus.**

O mal da desencarnação:

- o padre é um homem diferente, só, erradicado da realidade dos outros, constituído em o estado de vida que o distingue e o aprisiona.

- em seu degredo vital, o padre tem conhecimento apenas do que lhe atinge e o preocupa, segregado como está da vida dos humanos mortais.

- sua formação exige até que não dê muita atenção à vida comum dos homens a fim de não se tomar de fascínio por ela e ser vencido por suas tentações.

- e, contudo, deverá falar dessa vida que desconhece, e dela tornar-se **mestre**. É isto que realmente se passa! A vida do padre e a vida dos homens encontram-se em pólos opostos.

Tomada de consciência:

- cada dia vai aumentando, entre os padres, o número daqueles que tomam consciência da inautenticidade de sua situação em face a si mesmos e em face a seus irmãos.

- percebem que não são compreendidos, aceitos, desejados pelo povo. Percebem que têm apenas a comunicar-lhes uma teologia de poder em lugar de um Evangelho de amor, de serviço, de libertação.

- percebem que são meros expectadores privilegiados da vida onde o povo luta, morre e vence.

- estão por demais cansados desta situação e suas consciências não suportam mais os impulsos libertadores do Evangelho e as exigências dramáticas da história que os impelem a uma vida menos equívoca através de opções novas.

- querem reencontrar-se como homens para poder falar com autenticidade aos homens sobre o **Filho do Homem**, Jesus Cristo.

Machado à raiz:

- compreenderam eles que seu drama de padres não será resolvido retocando comportamentos ou renovando miudezas litúrgicas. São necessárias reformas profundas, urgentes.

- é preciso dar marcha-a-ré, retornar às fontes da mensagem de Cristo para redescobrir o sentido do padre, de seu ministério, de seu serviço eclesial. Numa palavra, é todo o seu estado de vida que deve radicalmente ser colocado em discussão.

Revisão teológica:

- para se chegar a esta revolução evangélica do serviço presbiteral, é necessário repensar dois elementos tidos como irreformáveis dentro da doutrina católica: o sacramento da Ordem e a estrutura atual de Igreja.

- efetivamente, a doutrina do caráter **indelével** é a expressão de um **clericalismo metafísico** do qual nasce o **clericalismo operativo** que, em suas distorções, acompanhamos através da história.

- não se percebe com nitidez donde brota a visão do padre como um homem total e irrevogavelmente destinado ao serviço cultural e pastoral.

- o sacramento da Ordem, portanto, deveria ser reinterpretado à luz sincera e verdadeira do Evangelho.

- é necessário rever também a atual estrutura da Igreja, a qual faz concentrar a totalidade dos carismas do Espírito numa só pessoa (o Papa) ou num só grupo ou gueto sacerdotal (os bispos). Esta estrutura faz dos ministros do clero os depositários exclusivos e autorizados das várias riquezas do Espírito.

- a comunidade dos fiéis, portanto, deve lutar contra esta usurpação dos dons de Deus por parte dos eclesiásticos. Desta insurreição espiritual, que ditará o desaparecimento definitivo do clero, reflorcerá uma Igreja livre unicamente obediente ao Espírito do Senhor.



**Padre,
um homem
sem resposta**

A sociedade moderna, com suas mutações, trouxe ao padre uma sensação de insegurança. Ele já não tem qualquer posição. E essa indefinição o destrói.

O padre quer se especializar

Conclusão de Merinas:

- a essência da crise atual do clero é, portanto, a defasagem que muitos padres sofrem confrontando seu **status** clerical com a vida, com os homens, com o mundo.
- muitos sofrem por pertencerem ao clero que aos seus olhos forma uma **casta fechada**. Pensam que o Estatuto clerical imposto aos padres que implica num estilo de vida próprio e excêntrico, seja um dos maiores obstáculos à revelação de Jesus Cristo.
- conseqüentemente, nos parece que a absoluta rejeição do **status** clerical se constitua em preliminar necessária para lhe redefinir a missão. Isto pertence antes de tudo à iniciativa do clero que se recusa a perpetuar-se na forma em que está e em que vive.
- **A crise segundo Duquesne (Confira: Demain, une Eglise sans prêtres?):**
- **O desaparecimento da casta :**
- é necessário fazer desaparecer a sociedade clerical, não por gosto iconoclasta, mas por três motivos principais:
 - a) a existência de um clero é hoje deprimida para seus membros e explica amplamente a atual crise do sacerdócio.
 - b) a existência de um clero é obstáculo dos mais graves para o futuro ministério sacerdotal. Muitos jovens far-se-iam padres com maior entusiasmo se ao mesmo tempo não tivessem fazer parte do clero. Muitos padres teriam permanecido voluntariamente sacerdotes se a conduta e a vida do clero não se fossem tornando insuportáveis.
 - c) a existência de um clero em condições especiais de vida é nefasta à ação missionária da Igreja, pois, a segregação que lhe é imposta, lhe impede também a ação missionária de conversão dos homens.
- donde se conclui: seja pelo interesse da Igreja, seja pelo interesse de sua missão, parece-nos incluível a extinção do clero.
- **A crise segundo Evely (Confira: Sacerdotes pagãos ou mensageiros da boa nova):**
- **O mal do clericalismo :**

- a Igreja se clericalizou inteiramente ou seja: alguns se apossaram daquilo que pertencia a todos: o sacerdócio comum dos fiéis, a responsabilidade de todos nos empreendimentos da Igreja (na teologia, na exegese, na liturgia, na profecia).
- o clero constitui-se em classe separada e está recrutado por computação e se arrogou toda autoridade e dignidade. Tal clericalismo descristianizou a Igreja, proletarizando os fiéis. Estes espoliados de seus direitos, de sua liberdade, da altivez de sua vocação, adormeceram num organismo administrado e organizado sem eles.

A unidade do povo de Deus:

- é imprescindível demolir uma cadeia de barreiras erguida entre o clero e o laicato para relizar a unidade do Povo de Deus.
- nós reconstituimos, através da história, infeliz e fielmente a casta sacerdotal levítica da qual o Cristo jamais fez parte. Casta sacerdotal que o perseguiu e o matou.
- a Igreja não pode ser uma sociedade de classes: de um lado, o clero patronal; do outro, o povo proletarizado.

O padre cristão:

- a educação clerical produziu um padre cultural, um padre pagão. Ora, o mundo moderno cada vez mais se distancia do culto e de seus funcionários.
- hoje, a religião cultural é a última coisa que consta na agenda do homem atual.
- Hoje só existe lugar para o padre cristão.
- o padre pagão é o padre do culto. É por ele que se pretende assegurar as relações entre a divindade e os homens, entre o além e o aqui, conservando sempre Deus do lado de lá.
- o padre cristão é o profeta que anuncia a Boa Nova, a libertação. É o homem que surge da comunidade onde vive, homem livre e pleno de amor, assegurando pela vivência na fé, a presença do Cristo. É aquele que se encarna como Cristo, fazendo Deus viver do lado de cá da vida — Emanuel: Deus conosco.
- o padre cristão o que encontra no Evangelho o amor como verdadeiro sacramento da presença de Deus que diviniza tudo o que é humano.

Conclusão de Evely:

- Dever-se-ia declarar a muitos padres, imersos em seu drama sacerdotal, que não é sua debilidade a causa de seu mal estar, mas o fato de lhes ter sido imposto um **fardo pesado** que não é o fardo de Cristo.



A crise tem fundo sociológico

6 - Causas da Crise:

Causas de ordem sociológica:

- **Mudanças profundas na sociedade**
- a sociedade de hoje está profundamente mudada com relação à sociedade pré-industrial ou campesina do passado.
- nesse tipo de sociedade, o padre tinha sua posição definida, um **status** reconhecido por todos.
- não só era um homem que emergia por sua cultura, mas sua função era reconhecida por todos como necessária, essencial mesmo, à sociedade tida como cristã.
- não havia concorrentes à sua ação. Ele era a moral, a disciplina, a fé. Ele formava e informava.
- a sociedade de hoje é profundamente secularizada. Não reconhece uma ligação social com Deus. A religião é um fato pessoal e não social.
- não reconhece, pois, no padre uma função social. Destarte o padre acaba não tendo posição nítida.
- por outro lado, grande parte da sociedade é indiferente ao enfoque religioso da vida. Não compreendendo, por isso, a figura do padre e não lhe apreciando o trabalho, considera-o inútil e sem sentido.
- não raro lhe é hostil. Vê no padre o anunciador da morte e da estagnação, pelo conformismo fatalista.
- não é de hoje que o padre se defronta com uma sociedade de pessoas mais cultas do que ele. O analfabeto campesino de ontem, é agora um homem de anel no dedo, diplomado. Além do mais os centros de informações e cultura estão espalhados pelas esquinas das ruas. Nem o padre, nem seus colégios são os detentores da cultura.

O padre sem vez:

- é claro que numa sociedade secularizada, a figura do padre encontra-se em defasagem. Cresce a convicção interior de que o lugar que lhe resta é diminuto, sua palavra sem eco, seu trabalho sem eficácia.
- a sociedade parece não sentir necessidade dele. Sente-se, por isso, marginal e inútil.
- individualmente alguns padres podem ser aceitos por sua cultura pessoal, por sua atividade social ou caritativa. Podem ser aceitos por suas qualidades que o tornam simpático, amável, brilhante.
- daí não se passa. Não são aceitos por aquilo que lhes é específico: seu caráter sacerdotal, sua função de padre.

A especialização:

- a sociedade moderna, além de ser profundamente secularizada, é também altamente especializada.
- na sociedade rural, recorria-se ao padre para solicitar-lhe conselhos nas circunstâncias alegres e tristes da vida. Ele era autoridade máxima, respeitada e acatada.
- na sociedade industrial, para conselhos e ajuda, recorre-se a **especialistas**: advogados, médicos, políticos, partidos, sindicatos.
- uma área que era apanágio do padre (a direção espiritual) tende hoje a ser ocupada pelos profissionais da psique: psicólogos, psiquiatras, analistas, psicanalistas.
- desta forma, ao padre são reservados exclusivamente **os serviços religiosos**. Serviços estes não solicitados por autêntica necessidade religiosa e por verdadeira fé, mas por pressão social ou tradição.
- isto não pode deixar de criar, com o tempo, no sacerdote a sensação de ser considerado uma espécie de **charlatão**, homem cuja profissão é fazer ritos mágicos.



O que acontece é que o clero resolveu adotar uma política à avestruz: esconde a cabeça. E com isso deixa de tomar as medidas básicas ao equilíbrio.

**Padre,
um homem
sem resposta**

O clero nega-se a enfrentar o problema dos padres. Prefere não conhecê-lo para não tomar uma posição.

7 — Causas de Ordem Teológica:

A especulação teológica

- a segunda causa da crise do clero é de ordem teológica e está em conexão com o desenvolvimento da especulação teológica.
- tal especulação, presente em toda a história do dogma, tornou hoje um esforço consciente, constante e corajoso de brilhantes teólogos.
- a teologia, na verdade, começou a ser considerada como **uma reflexão crítica sobre a experiência cristã sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo.**
- fazer teologia seria, portanto, re-trabalhar sempre questionando e refletindo a fé cristã. Sua grande preocupação é repensar seus dados frente à e dentro da experiência da fé, como é sentida hoje e hoje vivida.
- a especulação teológica não podia deixar de dispor-se a fazer uma reflexão crítica sobre o sacerdote e o sacerdócio.

8 — Causas de ordem espiritual:

O abalo universal da fé:

- a terceira causa da crise sacerdotal de hoje é de ordem espiritual, isto é, a crise atual do sacerdócio tem sua raiz profunda na geral crise de fé que obrigou o mundo cristão a remexer o tesouro intocável da Tradição e da Escritura.
- este estremecimento salutar da fé deve-se ao fenômeno da secularização e da desmitização. Este vem expurgando a fé de tudo o que é mítico.
- ambos os fenômenos vêm desmontando nossos esquemas tradicionais de propor a fé e favorecendo e estimulando novos modos e meios de se propor a mensagem da Salvação para o homem contemporâneo.
- isto criou mal-estar de que padecem as almas tímidas ou obcecadas, levando-as a verdadeiro pânico.

9 — O povo de Deus e a crise do clero:

Uma pesquisa despretensiosa:

- sem pretensões científicas ou metodologia sociológica realizei uma sondagem de opinião junto aos fiéis de uma de nossas missas. Distribui

400 modelos de questionários e recebi de volta 247. A apuração revela os seguintes resultados:

Você acha que o clero está em crise?

sim: 204 respostas

não: 43 respostas

Em caso afirmativo como teve conhecimento dessa crise?

pelos jornais: 145 respostas

por livros: 38 respostas

por filmes: 37 respostas

por conversas: 112 respostas

por televisão: 61 respostas

por conhecimento de casos: 115 respostas

A que você atribui a crise?

perda de prestígio na sociedade: 82 respostas

inquietação por não atingir as pessoas: 73 respostas

por ser o padre obrigado ao celibato: 96 respostas

por ser uma função que segrega da sociedade: 53 respostas

por estar preso a um sistema burocrático: 55 respostas

por estar impedido de levar uma vida normal: 86 respostas

por causa da formação tradicional do seminário: 86 respostas

A crise é por incompreensão dos fiéis quanto ao trabalho do padre?

o trabalho do padre não tem sentido: 43 respostas

é um funcionário burocrático do culto: 62 respostas

trabalho de atuação moralista: 57 respostas

distribuidor de sacramentos: 36 respostas

A crise é por falta de função sociológica?

o padre não tem mais função sociológica: 35 respostas

a sociedade está mais interessada nos problemas humano-sociais do que em problemas religiosos: 130 respostas

o culto é mais individual, não há necessidade de intermediários: 22 respostas

há expressões religiosas fora da igreja que falam mais de perto ao homem: 100 respostas

A crise é por se encontrar o padre desligado da sociedade?

quanto ao trabalho por não ter uma profissão: 67 respostas

quanto à família por não se casar: 89 respostas



quanto ao divertimento por ser solitário: 87 respostas

A crise é porque a atuação do padre está superada

quanto aos métodos de evangelização: 60 respostas

quanto à organização de seu trabalho: 46 respostas

quanto à pregação: 62 respostas

quanto ao ensino do conformismo em contraste com a determinação do homem moderno de lutar, vencer e melhorar: 93 respostas

a atuação do padre está superada pela ciência: 43 respostas

a crise coincide com as transformações verificadas na Igreja depois do Concílio Vaticano II: 67 respostas

O que você acha da função do padre?

útil: 161 respostas

de promoção humana: 67 respostas

distribuidor de sacramentos: 53 respostas

anunciador da palavra de Deus: 127 respostas

rotineira: 21 respostas

simples funcionários burocrático: 6 respostas

orientador dos fiéis: 144 respostas

O que você acha da vida do padre?

cômoda: 23 respostas

sacrificada: 174 respostas

apreciada: 63 respostas

privilegiada: 36 respostas

sem sentido: 18 respostas

inútil: 4 respostas.

Você acha:

que o padre deve manter o celibato?

sim: 62 respostas

não: 143 respostas

que o padre deve exercer uma profissão?

sim: 166 respostas

não: 50 respostas

que o padre deve viver isolado para ser fiel à sua missão?

sim: 20 respostas

não: 201 respostas

que o padre casado compreenderia melhor os problemas humanos?

sim: 154 respostas

não: 63 respostas

que o padre deve viver da contribuição dos fiéis?

sim: 46 respostas

não: 158 respostas

que o padre deve participar dos problemas sociais?

sim: 220 respostas

não: 7 respostas

10 — Conclusão:

Política de avestruz:

- não podemos, diante de tudo isto, adotar a política do avestruz: esconder a cabeça e não querer ver.
- a crise do clero — processo em evolução vertiginosa — é séria de mais para se pretender responder a ela com ameaças ou com estudada omissão: deixar passar para ver como fica.
- as soluções tangenciais além de não serem justas, não são a resposta que o clero e o povo de Deus esperam.

Sebastião
Nery

Agripino, o Papa e outros deuses

1 Otávio Mangabeira tinha um secretário, funcionário da Câmara: Ernesto de Assis. Assis era muito mais do que o assessor. Era o olheiro político do velho líder baiano.

A UDN estava em crise, reuniu-se. Os debates espicharam-se madrugada adentro. Mangabeira foi para o Hotel Glória, onde morava, deixou Assis lá. De manhã cedo, aparece Assis:

- Alguma novidade, Assis?
- O João foi escolhido líder.
- Que João, Assis?
- João Agripino.
- Agripino de que, Assis?
- Agripino Filho.
- Filho de quem, Assis?

2

O contínuo do doutor Ernane Galvêas, presidente do Banco Central entrou correndo no gabinete:

- Doutor, chegue na janela que estão passando lá embaixo os escombros de Dom Pedro I.

Eram os despojos.

3

No I Tribunal do Júri da Guanabara, o advogado e ex-deputado Alfredo Tranjan, jogava com todos os argumentos disponíveis para defender o réu. O promotor incrédulo, a tudo balançava a cabeça. Tranjan irritou-se e gritou:

- Que as luzes se apaguem, se este homem é culpado!

As luzes se apagaram. Quando acenderam quem estava em trevas era a tribuna. Doutor Tranjan em pânico tinha se mandado.

4

Toda manhã o mordomo entrava no quarto do papa:

- Sua Santidade, eis aqui o seu café. Lá fora, os pássaros cantam, o sol brilha, o dia está lindo.

- Já sei, meu filho. Deus já m'ó havia dito. Manhã seguinte, a mesma coisa. O mordomo dizia, o papa já sabia. E foi assim uma semana, um mês. Até que uma manhã:

- Sua Santidade, eis aqui o seu café. Lá fora, os pássaros cantam, o sol brilha, o dia está lindo.

- Já sei, meu filho. Deus já m'ó havia dito. - Pois se disse lhe enganou. Os pássaros não cantam, o sol não brilha, o dia está feio e chove pra burro.

5

Getúlio Vargas, logo depois de 1930, estava cansado de Democracia de d grande. Queria uma democracia bossa-nova, d pequeno e uma fileira de adjetivos. Em termos atuais, um novo modelo político. Chamou Agamenon Magalhães, mandou organizar a bancada clasi-

sista. Agamenon foi à Herbert Moses, presidente da ABI. Ele ia ser o deputado dos jornalistas: o Moses piscou os olhos miúdos:

- Para o filho de um humilde relojoeiro da Praça Tiradentes, o convite é uma honra. Mas para o presidente da Associação Brasileira de Imprensa é muito pouco.

6

Doutor Aristeu Campos era a alegria da meninada. Médico jovem, chegou a Ilhéus, na Bahia, e começou a combater essa história de que gelado faz mal para gripe, para garganta inflamada.

Os pais não gostavam, as mães morriam de medo, e o doutor Aristeu dando habeas-corpus aos garotos gripados: - podem tomar sorvete, picolé, nada disso faz mal a gripe.

Um dia, Paulinho, filho de doutor Aristeu, fez aniversário. A meninada foi toda para lá. Paulinho estava com uma gripe de sangrar nariz. E tomando gelado.

Doutor Aristeu chega em casa, vê Paulinho de picolé na mão. Já entra gritando:

- Didi (dona Didi era a mulher), você enlouqueceu? Dando sorvete a Paulinho com esta gripe?

As mães, sentadas em volta da sala, ficaram pálidas. Nunca mais menino tomou sorvete com gripe em Ilhéus.

7

Manuel Bandeira tinha mania de sangue azul (*Vou-me embora p'ra Pasárgada, lá sou amigo do Rei*) e de aristocracia (cristão velho da direita nacional), apesar de magnífico poeta moreno (ou por causa disso).

Nunca perdoou a Francisco de Assis Barbosa a excelente biografia de Lima Barreto, santo padroeiro do mulato nacional. Entre dois cochilos, na Academia se vingou:

Francisco de Assis Barbosa
Brasileiro tipo sete:

Nem em verso, nem em prosa
Não deu, não dá, não promete.

Francisco de Assis Barbosa está hoje, na Academia. Bandeira, no seio de Abrahão.

Kissinger:

Paz aos mortos





João Batista Telles Soares de Pina

**Augusto
Pereira**

**MEMÓRIAS
DE UM
DIPLOMATA**

O então chanceler Raul Fernandes começou a entrevista coletiva dando uma bronca nos jornalistas — E o diplomata Soares de Pina não fez por menos: deu uma sessão em Moscou, outra em Quitandinha e uma terceira em São Francisco da Califórnia.
— Opinião modesta de um cônsul esvoaçante.

TRÊS PIFÕES HISTÓRICOS

Os primeiros a ler a notícia, com grande destaque, foram os modestos funcionários da seção de imprensa, que chegavam cedo para fazer recortes e resumos para o ministro de Estado.

Era nos idos de 1946. O *Diário Carioca* saiu com a notícia que abalou o país: um diplomata brasileiro fora espancado e amarrado em Moscou, pela polícia soviética, dentro do hotel onde funcionava a nossa missão diplomática!

Tempos depois foi possível saber o transmissor da notícia: o embaixador José Roberto de Macedo Soares que tinha acesso aos telegramas reservados. O chanceler era o sr. Raul Fernandes. Seu chefe de gabinete o então Primeiro Secretário Mário Gibson Alves Barboza.

A primeira notícia dizia que o Primeiro Secretário da Embaixada do Brasil em Moscou, João Baptista Telles Soares de Pina, fizera um protesto contra qualquer coisa ou um tratamento a que fora submetido como diplomata e, ex-abrupto, fora agredido pela polícia de Moscou. Agredido e amarrado numa cadeira. Por que? Porque reagira!

Pois, naquele dia, bem cedo, a casa começou a se movimentar. A pequena sala de imprensa, pouco frequentada pelos jovens e velhos da carreira, começou a receber gente. Todos para ler o *Diário Carioca*.

Telefonemas de agências internacionais. Do *Repórter Esso*, dos jornais locais, etc e tal. Chegando gente.

O embaixador do Brasil em Moscou era o diplomata Pimentel Brandão, um homem de sociedade que usava monóculo e era altamente conceituado na casa.

O fato é que o chanceler Raul Fernandes não encontrava, em sua agenda, nada importante que o levasse a chegar ao Palácio antes das 11 horas da manhã. Chegava meio curvado, terno jaquetão, falando baixo e muito ranzinza. Não gostava de ar refrigerado na sua sala que, por sinal, era a mesma onde, em prisões eras, falecera o Barão do Rio Branco. O chanceler Raul Fernandes ao sentar à sua mesa, uma comprida mesa de jacarandá com patas de metal, dizia ao contínuo que o atendia ou ao diplomata que o esperava:

— Apague esse frio! Abra as janelas. Isso ainda vai me dar uma pneumonia.

Mas, naquela manhã o chanceler era esperado. Ele sabia do ocorrido em Moscou mas não

sabia que o *Diário Carioca* botara a procissão na rua.

O ministro Raul Fernandes não gostava muito da comunicação com os jornais. Procura evitar. E quando soube que agências, jornais, estações de rádio estavam esperando uma palavra, ficou furo.

Naquela dia, a Casa de Rio Branco viveu momentos de corre-corre. Havia necessidade do ministro dar uma palavra oficial sobre o caso Pina, em Moscou. Alguns diplomatas garantiam que o secretário Soares de Pina estaria todo quebrado num hospital de Moscou. Os telegramas cifrados do embaixador não deixavam dúvidas: o Brasil tinha sido vítima da maior de todas as afrontas, a surra em um representante diplomático.

Aí pelo meio dia, veio ordem do gabinete: — Convocar a imprensa escrita e falada.

Não havia ainda a dita imprensa televisada. A entrevista foi na Sala dos Índios. Muita gente. O dr. Herbert Moses ao lado do chanceler. Ele esperou que todos sentassem e começou dando uma bronca aos jornalistas:

— Semana passada o Brasil firmou um acordo do trigo com a Argentina, da maior importância. Mandei chamar os jornais. Não veio ninguém. Pois hoje, como é um assunto de escândalo, estão todos aqui.

Daí em diante sabia-se, na Casa de Rio Branco, que estava selada a sorte das relações Brasil—União Soviética. A maioria dos jornais pedia rompimento de relações. O jornalista Assis Chateaubriand escreveu um artigo com este título: *Os nossos amigos ursos, os russos, de muita repercussão*. O *Jornal do Comércio* soltou uma *Vária*, também pelo rompimento.

O diplomata João Baptista Teles Soares de Pina não veio logo para o Brasil. Ficou pela Europa e o tempo foi passando.

Ao que estamos lembrados, devem ter-se passado uns cinco ou seis anos, aproximadamente. Ou uns quatro ou três? O fato é que, certo sábado, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, o diplomata João Baptista Teles Soares de Pina no bar do Hotel Quitandinha deve ter ido além da conta nos seus indefectíveis copos de uísque. Novo barulho. Novos bofetões.

A polícia interna do Quitandinha teve que dominar o diplomata Soares de Pina e amarrá-lo numa cadeira ou ao pé de uma mesa.

Os jornais publicaram tudo. Foi outro grande escândalo.

A Casa de Rio Branco viveu outro corre-corre. Mas o chanceler, ao que parece, não era o mesmo. Se não nos enganamos estávamos com o sr. João Neves da Fontoura.

Naquela manhã, com os jornais contando o caso do diplomata Soares de Pina, entrou pela sala de imprensa um cônsul esvoaçante e muito nervoso.

— Já leram os jornais?

Os funcionários disseram que sim.

— Viram o caso do Pina no Quitandinha?

— Sim, vimos, estamos contando para o ministro de Estado.

O diplomata esvoaçante e muito nervoso, torceu as mãos e disse:

— Acho que o Brasil devia . . .

E muito nervoso:

— . . . devia agora romper relações com o Hotel Quitandinha . . . Que humilhação!

(Nota: Tempos depois, no Consulado Geral do Brasil em São Francisco na Califórnia, o diplomata João Baptista Teles Soares de Pina repetiu a dose de Moscou e do Hotel Quitandinha. Sendo que, desta vez, foi para a cadeia).

A Editoria

DIRETÓRIO ACADÊMICO DO CENTRO DE ESTUDOS BÁSICOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (Florianópolis — Santa Catarina) — "Nosso Diretório Acadêmico, no intuito de atender ao desenvolvimento cultural dos acadêmicos deste Centro e sendo POLITIKA de ótima aceitação entre os estudantes, vem solicitar uma assinatura gratuita de seu jornal, visto não ser atualmente das melhores a nossa situação financeira".

A assinatura já foi liberada. Vocês, segundo informa o Enés, deverão estar recebendo o POLITIKA a partir desta semana.

"Trading", solução do passado.

OSNY DUARTE PEREIRA (Rio de Janeiro — GB) — "O Brasil encontra-se em vésperas de um importante passo, em relação aos rumos de seu comércio exterior. Escrevo-lhe esta para chamar a atenção para a lúcida e patriótica posição assumida pelo Prof. Teófilo de Azeredo Santos, Presidente do Sindicato de Bancos, diante das medidas que se estão tomando para a definitiva colonialização de nosso comércio exterior.

Empresas de comércio exterior (**trading companies**) são a General Foods, os Frigoríficos Anglo e Wilson, a Sanbra, a Anderson Clayton e todos conhecem o drama e a desgraça dos produtores brasileiros submetidos a essas companhias. Elas compram dos nativos e vendem a si mesmas lá fora. O resultado tem sido o aviltamento dos preços de nossos produtos de exportação — uma espoliação que corresponde a uma das mais vergonhosas páginas da História Contemporânea.

Como essas empresas não se sintam seguras e sua influência ainda não seja sobre o setor dos manufaturados, o Governo cogita de submeter o resto dos produtores aborígenes à mesma opressão colonial e **organizadamente** (!) estuda a elaboração de uma lei que não deixe ninguém fora. Sem nenhuma imaginação, copiam servilmente o Alvará de 10 de março de 1649, promulgado por D. João IV, aprovando os estatutos da Companhia Geral de Comércio do Brasil, extinta por D. João V, em 1720 e restaurada pelo Marquês de Pombal, sob os nomes de companhias de comércio do Grão Pará e Maranhão e de Pernambuco e Paraíba, em 1759. Marchamos, pois, para uma versão Século XX das **trading companies** largamente utilizadas pela Inglaterra, pela Holanda e por outras nações, nos séculos XVII a XIX.

É incrível que no exato momento em que todo o Terceiro Mundo procura libertar-se desses gargalos asfixiantes, o Brasil, oficial e espontaneamente, procura apertar o pescoço dos nacionais, nas coleiras de outras Sanbras, General Foods e quejandas, armadas de "incentivos fiscais" nunca vistos e de plena cobertura estatal.

Talvez seja este o caminho certo para detonar em nosso empresariado bronco o **estalo de Vieira**. Acreditamos, porém, que é impatriótico regozijarmo-nos com o "quanto pior melhor" e, por isto, consideramos de nosso dever aplaudir um comportamento como o do Prof. Teófilo Azeredo Santos, esforçando-se em desvencilhar-se da tecnocracia bitolada. Se fazemos restrições a muitos aspectos da plutocracia bancária brasileira, isto não nos deve impedir de bater palmas, quando apresenta um gesto de defesa de nossa emancipação econômica.

Animado pelo civismo e espírito público desse jornal, tomamos a liberdade de alertá-los e convocar mais brasileiros, para um exame desse problema que se situa ao nível do

monopólio estatal do petróleo e das campanhas que terminaram por consagrá-lo."

PAULO SÉRGIO T. BOZZI (Rua Resedá, 30, 201, Lagoa — GB) — **Atenção: Geraldo Mello Mourão** Caro Geraldo,

A poesia em crise luta contra as atividades tecnocômicas de uma civilização apocalíptica em sua brutalidade na concepção do mundo. Poetas são aqueles que acreditando na forma pura do universo, descrevem-no. São os instantes, as medidas do tempo, que fazem, pela reflexão do fato e do ser, a poesia madurar e viver.

Gostaria de lhe dizer que sou poeta, iniciante, claudicando nas formas, no sentido, no ritmo em que devo realizar um trabalho verdadeiramente poético-humano. Realizar o Homem, entender a história e dela fazer, em sentido maior, fundamento para uma compreensão do romance **HOMEM**.

Se lhe escrevo é porque sua entrevista deu-me coragem e/ ou deu-me vontade de dialogar, de dizer, de conversar: os números também são importantes, a crise, o "gap" e todas as formas de sentir e viver são importantes. E realizá-las, poucos conseguem: entendê-las.

E podemos começar um novo diálogo: vem nova experiência para mim e mais uma comunicação para ambos.

E o que haveríamos de conversar?

Tudo sobre tudo, e falar de pequenas e em pequenas coisas, para eu aprendê-las sentir e haverá todo um sentimento de troca, aquisição.

Quando a Lua sobe à cabeça



Caro Geraldo,

Nós, homens, que sentimos a premência do diálogo, temos que correr ao encontro e, assim, dialeticamente conduzi-lo para que se torne uma nova fonte de opinião e esclarecimento sobre os problemas existenciais do ser humano enquanto secular: é tratá-los de forma clara e lúcida, e como você diz poeticamente, "Tudo é poético. Tudo é poesia". E não foi a História escrita por um poeta? E Homero não teria deixado de herança a terrível e doce tarefa: o continuar a escrevê-la?

E somos todos passageiros de uma só barca, há aqueles que a abandonaram e existem os que, embarcados, insurgidos contra o fato, gritaram: arrependidos pedem uma nova oportunidade e a concessão é oportuna. Sempre é bom estar com alguém-DEUS, de bem ou de mal, passageiros que somos mal agradecidos, desnecessário dizer da vinculação do espiritual ao terreno e da vinculação compulsória da natureza com o espírito.

Caro amigo, se nada lhe acrescentar ou acontecer, está sendo para mim uma experiência nova entrar em contato com você.

Podêríamos conversar, enfim.

VITAL FERNANDES DA SILVA (São Paulo — São Paulo) — "Há muitos anos, um conhecido meu, professor de português em uma escola normal do interior do Estado, **quase caiu do cavalo**, por ter dito em classe ser o brasileiro muito do **me dá, me dá**. Uma aluna, filha de um deputado estadual, contou ao pai, que exultou por ver no fato uma oportunidade para fazer sua demagogiazinha e o pobre mestre passou por maus bocados.

A cada vez que leio em **korreio**, universitários pedinchando uma assinatura grátis de POLITIKA, lembro-me do velho mestre.

Em tais ocasiões, ocorrem-me sempre as mesmas perguntas que faço a mim mesmo: **Santo Deus! Quantos alunos tem uma Universidade e quantos pertencem aos seus respectivos Centros Acadêmicos? Quantos, realmente, se interessam pela leitura de POLITIKA? Será que esses jovens não poderiam se cotizar e pagar uma assinatura anual do jornal que, segundo eles mesmos reconhecem, lhes é tão útil?**

Sei que o país vai bem, mas o Povo vai mal. Sei que **somos filhos pobres de uma pátria rica**, mas, afinal, segundo o velho refrão da Caixa Econômica, **de tostão em tostão — pobre tostão, já não existe mais — faz-se um milhão**. Nem será preciso tanto para uma assinatura de POLITIKA. Trata-se, apenas, de usar a **cuca** se me permitem o termo que eles tanto usam, e nem será necessário que deixe alguém de ir ao cinema, de privar-se do seu cigarrinho ou de fazer boa figura pagando o sorvetinho da garota. Vamos desmentir o professor?



SAPATO É COMO MILAGRE. TEM QUE SER EN-GRAXADO TODO DIA.

POLITIKA

EDITORA TORA LTDA.

Presidente: Philomena Gebran

Diretor: Sebastião Nery

Conselho Editorial: Oliveira Bastos, Geraldo Mello Mourão, Paschoal Carlos Magno.

Gerente: Enéas Resque.

Editores: Jorge França, Mury Lydia.

Arte: Antonio Calegari, Tina Matera.

Ilustração: Luís Fonseca.

Humor: Fritz

Correspondente em Brasília: Murilo Marroquim.

Direção e Redação: Av. Rio Branco, 133, grupo 1601 - telefone 232-1981 - Rio, GB.

São Paulo: Assistente de diretoria - Paulo Pereira - Av. 9 de Julho, 254, 3º andar - telefone 34-1627.

Brasília: Plantec Ltda. - Av. W-3 (setor comercial) Edifício Sônia, 4º andar - telefone 24-5376 - 24-7376.

Fortaleza: Dário Macedo - Av. Visconde do Rio Branco, 1484 Fone 26-6837

Porto Alegre: Rui Silva de Carvalho -

Rua Miguel Tostes, 924, grupo 101 - telefone 23-1754.

Fotos: Tribuna da Imprensa e O Jornal. Distribuição exclusiva para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A - Rua Teodoro da Silva, 907 (Grajaú) - Rio, GB.

Composição e impressão: máquinas eletrônicas IBM da Gráfica Editora Jornal do Commercio - Rio, GB.

